



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS SERTÃO**  
**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

BRUNA JANUÁRIO SOUZA

**UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DAS MULHERES FEIRANTES DA CIDADE  
DE DELMIRO GOUVEIA – ALAGOAS**

DELMIRO GOUVEIA – AL

2024

BRUNA JANUÁRIO SOUZA

**UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DAS MULHERES FEIRANTES DA CIDADE  
DE DELMIRO GOUVEIA – ALAGOAS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas – UFAL/ Campus Sertão como requisito parcial para conclusão do curso de graduação em Geografia.

Orientador: José Alegn Roberto Leite Fechine.

DELMIRO GOUVEIA – AL

2024

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S729u Souza, Bruna Januário

Um olhar sobre a realidade das mulheres feirantes da cidade de Delmiro Gouveia - Alagoas / Bruna Januário Souza. - 2024.  
57 f. : il.

Orientação: José Alegn Roberto Leite Fechine.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Geografia humana. 2. Mulher feirante. 3. Gênero. 4. Patriarcado. 5. Desigualdade de gênero. 6. Mercado de trabalho. 7. Delmiro Gouveia – Alagoas. I. Fechine, José Alegn Roberto Leite. II. Título.

CDU: 911.3-055.2

## FOLHA DE APROVAÇÃO

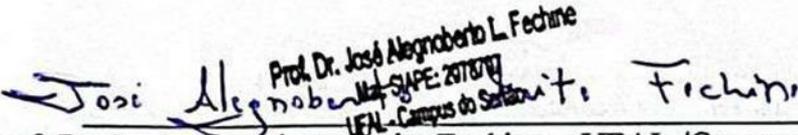
AUTOR(A): BRUNA JANUARIO SOUZA

“A REALIDADE VIVENCIADA PELAS MULHERES FEIRANTES DA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA – ALAGOAS” - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

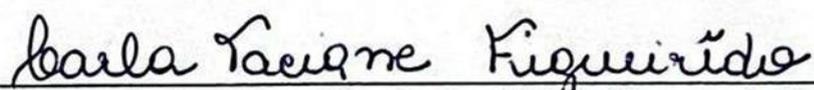
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 14 de março de 2024.

### Banca Examinadora:

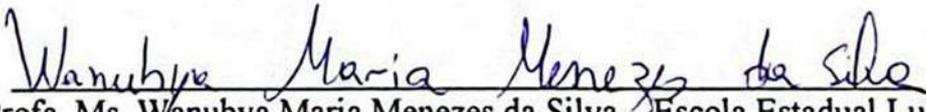
Orientador(a)

  
Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fachine – UFAL /Campus do Sertão

1º Examinador(a)

  
Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo – UFAL /Campus do Sertão

2º Examinador(a)

  
Profa. Ms. Wanubya Maria Menezes da Silva – Escola Estadual Luiz Augusto

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me dado força, sabedoria e perseverança para conseguir lidar com as ocorrências vividas ao decorrer desse trajeto.

Aos meus familiares, que sempre mantiveram presença na minha vida em todos os momentos, propiciando momentos de alegria, de apoio e de incentivos. Aos meus pais, que sempre me incentivaram e me deram apoio. As minhas amigas e amigos, que sempre estiveram comigo, e aqueles que fizeram parte dessa jornada comigo.

Ao meu namorado, que sempre esteve presente me acompanhando nessa jornada me apoiando e incentivando.

Ao meu orientador, pelo suporte, apoio e toda disponibilidade.

As feirantes, companheiras de luta e trabalho no cotidiano.

E a todas (os), que fizeram parte dessa jornada, apoiando e torcendo por mim. A todas (os) eu só tenho a agradecer.

***“Em verdade, as mulheres nunca opuseram os valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino - reinado da vida, da imanência - tão somente para nele encerrar a mulher” — Simone de Beauvoir (1949).***

## RESUMO

A partir da forma como a luta das mulheres ultrapassa a linha da história, esse estudo teve como objetivo apresentar a partir do tema: “Um olhar sobre a realidade das mulheres feirantes da cidade de Delmiro Gouveia-Alagoas”, a realidade vivenciada por mulheres no âmbito da feira, onde o mesmo, agrega a imersão das mulheres no campo do mercado de trabalho, questões de gênero, patriarcado e outros. A pesquisa foi realizada através de leituras, obras de TCCs, artigos, sites, revistas e pesquisa de campo. A presença da mulher no âmbito da feira, como feirante, é sinal de luta e perseverança, as dificuldades sofridas por elas, é apenas a exclusão enraizada na sociedade, devido a uma cultura imposta historicamente. Ao decorrer do presente trabalho, será apresentado as diferenças de gênero, pondo a partir daí, as regras introduzidas para como uma mulher deveria seguir, e como historicamente as mulheres lutaram para exercer suas vontades, escolhas e participações.

**Palavras Chaves:** Gênero, Desigualdade, Patriarcado, Mulheres feirantes.

## **ABSTRACT**

Based on the way in which women's struggle goes beyond the line of history, this study aimed to present, based on the theme: "A look at the reality of women traders in the city of Delmiro Gouveia-Alagoas", the reality experienced by women within the scope of fair, where the same brings together the immersion of women in the field of the job market, gender issues, patriarchy and others. The research was carried out through readings, TCC works, articles, websites, magazines and field research. The presence of women at the fair, as traders, is a sign of struggle and perseverance, the difficulties they suffer are just exclusion rooted in society, due to a historically imposed culture. During the course of this work, gender differences will be presented, based on the rules introduced for how a woman should follow, and how historically women have fought to exercise their will, choices and participation.

**Key words:** Gender, Inequality, Patriarchy, Women marketers.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa da Cidade de Delmiro Gouveia-AL.....	12
<b>Figura 2:</b> Mercado Público de Delmiro Gouveia ano de 1992.....	28
<b>Figura 3:</b> Delimitação da área de estudo/ A feira livre de Delmiro Gouveia-AL....	29
<b>Figura 4:</b> Imagem da estrutura da feira livre de Delmiro Gouveia-AL.....	30

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Feirantes da Cidade de Delmiro Gouveia, 2023.....	36
<b>Gráfico 2:</b> Quantidade do tempo de trabalho em (anos) das feirantes de Delmiro Gouveia-AL por feirantes.....	40
<b>Gráfico 3:</b> A feira livre em meio ao sustento para as feirantes de Delmiro Gouveia-AL.....	41
<b>Gráfico 4:</b> Feirantes que receberam algum tipo de assédio ou violência moral na feira livre de Delmiro Gouveia-AL.....	42

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>12</b>
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
3.1 Geografia e Gênero.....	14
3.1.1 Questões de gênero.....	15
3.2 Patriarcado/Conceito.....	17
3.3 Mulheres no mercado de trabalho.....	19
3.3.1 Empreendedorismo feminino .....	24
3.4 As feiras.....	26
3.4.1 Uma breve construção da história da feira livre de Delmiro Gouveia-AL.....	27
3.4.2 A propósito sobre a feira livre de Delmiro Gouveia-AL.....	29
<b>4. RESULTADOS, MÉTODOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>33</b>
4.1 Mulheres feirantes em Delmiro Gouveia-AL.....	33
4.2 A luta por espaço e visibilidade.....	44
4.3 As mulheres e seus diversos papéis.....	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A participação da mulher na feira livre, mostra a realidade de muitas mulheres que não conseguiram entrar no mercado de trabalho, não concluíram o ensino fundamental ou até mesmo não tiveram acesso à educação, precisando desde muito cedo entender a necessidade de trabalhar e as responsabilidades financeiras que uma família obtêm.

A necessidade do trabalho levou muitas a entrarem no ramo comercial da feira livre, sendo influenciadas por outras mulheres que conseguiram sua estabilidade financeira. O espaço da feira comporta todo tipo de comércio, desde as convencionais como frutas e verduras, até lanches, queijos, animais e roupas, comportando vários outros meios de renda. E diante dessa diversidade, que encontramos mulheres trabalhando, independentemente de qual setor, para suprirem as necessidades familiares.

Historicamente, no contexto relacionado a história feminina, as mulheres jamais sonhariam que em pleno século XXI, teriam realizado várias conquistas por meio do enfrentamento as imposições feitas em tempos de uma cultura conservadora. As mulheres sempre foram retidas em seu próprio espaço, que era determinado pela sociedade outrora, onde não possuíam o poder de voz, e eram submetidas a vida de domésticas e esposas.

Em outros termos, entende-se que o gênero feminino era subordinado ao gênero masculino, tendo seus pensamentos, escolhas e opiniões, oprimidos pelo poder masculino exercido. Pondo-se a serem mulheres de casa, em contrapartida, por mais que não gostassem da forma como eram tratadas, preferiam se manterem em silêncio, dando a entender que não se incomodavam com a vida que levavam.

Em tempos de desigualdades entre os gêneros, as lutas em prol da inclusão da mulher na sociedade foram levantadas, dando início a revoluções e protestos, pedindo o direito ao voto, igualdades, melhorias no âmbito do trabalho, entre outros. O início do feminismo em busca por igualdade, melhorias e inclusão, fez com que as mulheres unissem forças para luta por seus direitos.

Diante de muitas evoluções e conquistas já alcançadas, a sociedade ainda mantém traços machistas, que podem ser observados na política, com perseguições, impedimentos e negações a mulheres que querem ocupar cargos políticos. Do mesmo modo, pode-se observar o machismo presente nos relacionamentos tóxicos, onde

submetem suas parceiras a situações de torturas psicológicas e físicas, como também nos ambientes de trabalho, onde muitas empresas ainda prosseguem com as diferenças de salários entre os gêneros.

As mudanças de vida que uma cultura emprega na sociedade, transforma todo o espaço que ali vivem. No entanto, a realidade que muitas mulheres ainda vivem no século XXI, é semelhante à forma como suas antepassadas viviam, passando por situações similares.

O âmbito da feira é um lugar composto em sua maioria, por comerciantes mulheres, sendo elas, autônomas ou acompanhadas por seus maridos e filhos. A maioria dessas mulheres que trabalham na feira, levando em consideração apenas a feira da cidade de Delmiro Gouveia, as mulheres feirantes desse ambiente passaram e passam por situações de assédio, desconforto, intimidações e vulnerabilidade, tendo em vista, que estas situações ocorrem ou ocorreram em sua maioria.

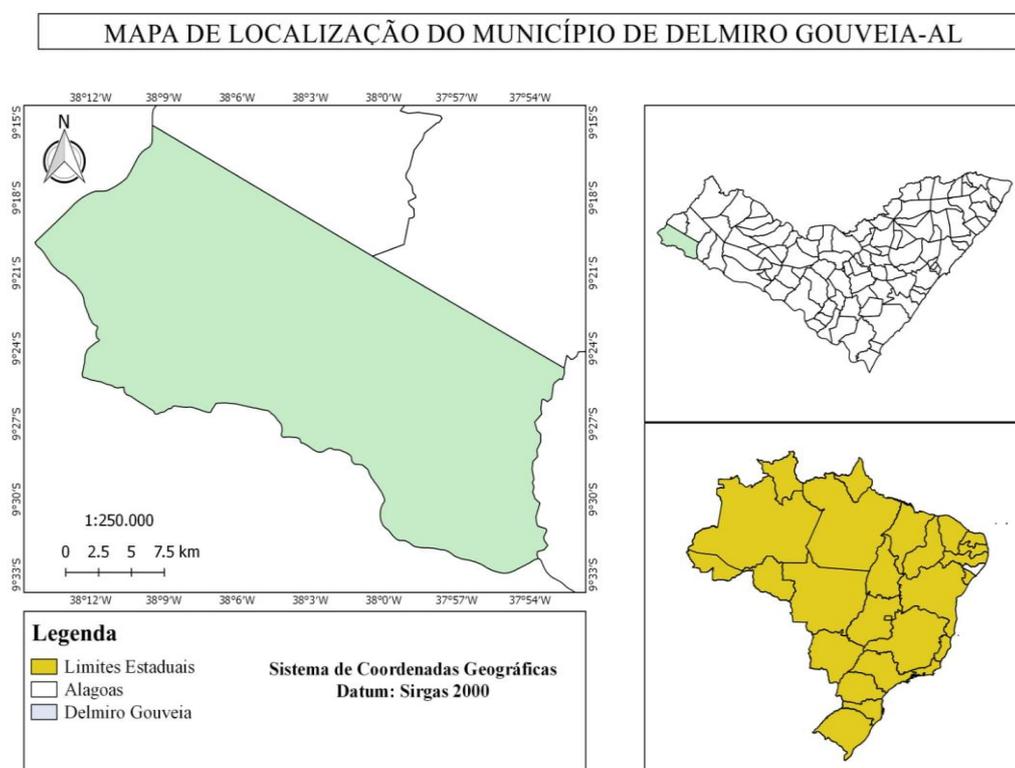
Essas informações foram levantadas na pesquisa de campo, a partir de diálogos com as feirantes, onde muitos relatos de sofrimento, desde o início de suas trajetórias, foram explanados, onde muitas, depois de inúmeras ocorrências, decidiram mudar suas vidas, largando maridos abusivos e relacionamentos tóxicos.

Mesmo diante dessas situações sofridas, as feirantes da feira de Delmiro Gouveia, são mulheres fortes e dedicadas ao trabalho, não deixando se menosprezadas pela sociedade ou por companheiros de trabalho. Por serem um exemplo de perseverança, mulheres feirantes são temas de vários trabalhos acadêmicos, mostrando suas lutas, conquistas e necessidades.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo possui um caráter investigativo acerca da mulher feirante, buscando captar a realidade do trabalho da mulher, a partir da feira livre, com foco qualitativo e quantitativo. Diante disso, a área de estudo compreende o espaço da feira livre, localizada na cidade de Delmiro Gouveia-Alagoas. O Município atualmente, de acordo com os dados do IBGE, último censo de 2022, apresenta uma população atual de 51.318 pessoas, tendo 81,65 habitantes por quilometro quadrado.

**Figura 1:** Mapa da Cidade de Delmiro Gouveia-AL



**Fonte:** OLIVEIRA, 2020.

A pesquisa realizada para o desenvolvimento do trabalho, foi tanto teórica, quanto pesquisa de campo. No que se refere ao arcabouço teórico, foram utilizados como meios e fontes, as monografias, artigos, sites, entre outros trabalhos acadêmicos. As obras estão relacionadas a temas sobre a mulher, luta, resistência e as mulheres feirantes, levando a refletir sobre a realidade diante do mercado de trabalho, visando o meio comercial direcionado as feiras, tendo em conta as dificuldades que as mesmas enfrentam diante esse meio. Algumas autoras e autores,

responsáveis pelas obras utilizadas no âmbito da pesquisa teórica são: Soraia Farias Aquino (2010), Judith Butler (2003), Soraia Veloso Cintra e Eric Dardel (2014), Angela Davis (2018), Milton Santos (1985), entre outros descritos no referencial bibliográfico.

Com o levantamento das pesquisas teóricas, foi-se necessário a realização de entrevistas diretas e um questionário, para assim desenvolver com mais destreza a pesquisa de campo. A elaboração do questionário precisou ser de fácil entendimento para a melhor compreensão das entrevistadas, com perguntas simples, porém, atendendo as necessidades da pesquisa. O questionário foi realizado a partir de 8 (oito) perguntas, a princípio eram 12 (doze), mas, quatro foram descartadas. Após a criação do questionário, a pesquisa de campo foi iniciada, tendo como colaboração 28 entrevistadas, todas mulheres que trabalham na feira livre da cidade de Delmiro Gouveia.

Com a finalização das entrevistas, os dados obtidos foram organizados através de gráficos, juntamente com a pesquisa teórica e imagens tiradas do local. Dessa forma, foi possível a realização do presente trabalho, contendo informações necessárias para a sua criação.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1- Geografia e Gênero

A geografia enquanto ciência geográfica desempenha um papel norteador no estudo das causas sociais, lutas, resistência e dos movimentos feministas, entre outros aspectos. Isto é, ao fornecer abordagens interdisciplinares que resultam na análise e interação entre o espaço geográfico e as dinâmicas sociais.

Dessa forma, Santos (1985), remete a analisar, que o espaço geográfico é um conceito primordial da geografia, que se refere as relações entre os elementos sociais, econômicos e culturais que determinam uma específica área. Ainda, o espaço geográfico é marcado pelas relações sociais entre pessoas e pelos processos que ocorrem em determinado ambiente, nisso inclui, a diversidade de fatores entre o social e a própria condição humana. Assim, o espaço geográfico é essencial para analisar e entender as dinâmicas territoriais, as desigualdades e as interações entre o meio e a natureza. Ainda o espaço,

Deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja a aceleração é desigual (Santos, 1978, p.122).

Para exercício de análise, consideramos fundamental a discussão da relação entre a geografia e gênero, onde, se fundamenta no entendimento entre a identidade de gênero e o espaço geográfico, no qual, compreendem como as características sociais, culturais e econômicas influenciam e são influenciadas pela distribuição do espaço e a organização social. Entendendo, a relação entre amplos conceitos, assim, é um campo de estudo, que é fundamental para a compreensão de como o gênero influenciam e são influenciados por questões espaciais, em razão de entender como as disparidades e desigualdades coexistem e podem surgir.

Martínez (1995, p.18), remete que, na geografia, enquanto enfoque de gênero, é fundamental, entender em linhas gerais, destacando-as:

As relações existentes entre gênero e conceitos chaves na Geografia como são o espaço, o lugar e a natureza;

- O espaço enquanto construção social e de gênero,
- O conceito de lugar e a importância que em sua definição introduzem as diferenças de gênero,
- A relação entre gênero e natureza (o meio ambiente em seu sentido amplo).

Para esse trabalho, adentramos que a geografia e gênero, se complementa diretamente para essa pesquisa, salientando enquanto o estudo da geografia feminista, “A Geografia de Gênero se apresenta mais enraizada no feminismo, isto é, na perspectiva de gênero, tratando de papéis aprendidos socialmente. Assim, se constitui hoje, na principal linha de estudo na Geografia entre mulher e espaço” (FRANSCISCO, 2011, p.28). Contextualizando,

Considero que a Geografia dita feminista é aquela que incorpora as contribuições teóricas do feminismo à explicação e interpretação dos fatos geográficos e o gênero é um dos resultados dessas contribuições, ou seja, uma categoria útil de análise geográfica. Trata-se, então, de explicitar as desigualdades. A Geografia, de uma maneira geral, tem considerado a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo. Entendo que o estudo da população, por exemplo, ainda é uma abstração - mesmo considerando as classes que a compõem se não considerarmos que esta é composta por pessoas que se situam também na sociedade quanto ao gênero. (Silva, 1998, p. 108).

Assim, entender como a questão de gênero e geografia, moldam a forma do pensamento, a partir da análise da geografia feminista, compreendendo, as disparidades espaciais, em relação à divisão do trabalho, participação social, tomada de decisão, acesso a oportunidades, representação das mulheres em espaços públicos e participativos, entre outros.

Nesse trabalho, se destaca como o espaço geográfico, está relacionado com o tema da mulher feirante na feira de Delmiro Gouveia, no qual, consiste analisar a participação e realidade das mulheres nesse contexto, considerando como a geografia influencia em viés ao gênero, feminismo, trabalho e a economia local. Dessa forma, ao analisar as mulheres enquanto feirantes em Delmiro, é primordial considerar os desafios, dinâmica, disparidades diante diversos aspectos.

### **3.1.1- Questões de gênero**

Falar sobre questões de gênero, é necessário para o desenvolvimento do tema principal. A priori, gênero é um conceito/categoria que permite os historiadores/as entenderem as diferenças sociais e culturais construídas entre os sexos ao longo dos tempos. Assim, como toda categoria histórica, as diferenças de gêneros, por serem

socialmente construídas e estarem dentro de um processo histórico, são considerados questões essencialmente masculinas ou essencialmente femininas, elas variam muito ao longo do tempo, porém como todas as histórias, irão existir determinadas permanências.

Segundo Souza (2010), um exemplo desse processo histórico está entre o século XIX ao século XX, onde a noção de gênero atribuiu as mulheres a responsabilidade de serem educadas para educarem seus filhos. Por meio dessa exigência, nasce uma profissão, onde mulheres começaram a entrar no mercado de trabalho como professoras do ensino primário, ou seja, essa noção de diferenciação de gênero de que a mulher é mais apta para isso que os homens, se tornou uma construção cultural que acabou se naturalizando, e ao longo do tempo passa a ganhar um caráter público. Todavia, é a partir daí que começa uma série de construções e valores inversos e discriminatórios, que permanecem até os dias de hoje, “esse é meu papel e esse o seu”, ou seja, algumas profissões são consideradas mais adequadas para o sexo masculino do que para o sexo feminino. O uso do conceito de gênero é primordial para entender como essas construções acabaram sendo feitas no âmbito cultural em uma determinada época, e como elas persistiram ao longo do tempo. Assim, trazendo uma relação ao contexto, destacamos frases célebres da filosofia de Simone Beauvoir<sup>1</sup>, em relação ao fazer crítico diante dessas abordagens, a escritora e filósofa afirma que “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” (Simone de Beauvoir, 1949).

Beauvoir também destaca que,

*“O homem é definido como ser humano e a mulher é definida como fêmea. Quando ela se comporta como um ser humano ela é acusada de imitar o macho.” [...] “É pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, somente o trabalho poderá garantir-lhe uma independência concreta.”*

Ao adentrar ao assunto relacionado a gênero, a primeira coisa que se remete, são as questões feministas, questões e reflexões colocadas dentre o final do século XIX e o início do século XX, que nada mais é, que a luta feminista contra a

---

<sup>1</sup> Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir nasceu em Paris, França, no dia 9 de janeiro de 1908. [...] Simone aborda sobre o papel da mulher na sociedade e a opressão feminina num mundo dominado pelo homem. (DIANA; [s.d.]).

subordinação feminina. Antes defendiam que os gêneros eram construções sociais, mas, uma filósofa chamada Judith Butler<sup>2</sup> acaba desconstruindo tal ideia entre sexo e gênero e defende que tanto sexo quanto o gênero são construções culturais.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se caracteriza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (Butler, 2003, p.59).

De acordo com Judith Butler (2003), na teoria de gênero, o sujeito/pessoa pode ser o que quiser conforme suas próprias intenções, conforme a sua performance ou suas escolhas e formas de existir, remontando novamente os conceitos do existencialismo, já encontrados em Simone de Beauvoir e na Betty Friedan. Contudo, devido a ser um assunto completamente amplo e complexo, e que, envolve várias questões de gênero, onde irão adentrar em questões sobre sexualidade, binário ou não binário, questões políticas e assim por diante, o assunto referente a questões de gênero será explanado junto a outras informações ao decorrer do trabalho.

### **3.2- Patriarcado/Conceito**

Segundo Hirata (2018), o conceito do patriarcado “descreve um sistema de hierarquia baseado em gênero, dentro da sociedade”, em outras palavras, é uma estrutura criada e alimentada na sociedade, onde o gênero masculino vem a ser o sexo predominante, tanto socialmente, familiarmente e culturalmente, ou seja, a sociedade vem sendo erguida a base de estruturas machistas, onde o provedor vem a ser homem e a mulher vem a ter o papel do ser submisso. Historicamente o patriarcado sempre existiu, sendo um sistema social e cultural construído a partir do favoritismo dos homens, os tornando em qualquer setor, diante a sociedade, principalmente sociopolítico, de sujeitos privilegiados.

É importante ressaltar que a luta pela igualdade de gênero, a princípio, iniciou-se justamente para derrubar essa cultura enraizada na sociedade, onde o homem deve ser o “alfa”<sup>3</sup>. Diante de uma sociedade machista e preconceituosa, muitas

---

<sup>2</sup> Judith Butler (1956) é uma filósofa, teórica e acadêmica norte-americana que se tornou uma referência fundamental nos estudos de gênero atuais. (CULTURA GENIAL, 2024).

<sup>3</sup> “Os machos alfas” são conhecidos por serem muito agressivos e fortes, e também possuem o primeiro lugar na hierarquia social. Algumas características permitem que esses homens se destaquem da multidão.” (COELHO, 2019, [n.p.]).

mulheres ao decorrer dos séculos, se opuseram a aceitar ter suas vidas moldadas pelo que a cultura social regravava, sofreram com negação, castigos, acusações e mortes. Tudo isso, por não aceitarem seguir as normas impostas a elas, e escrever suas próprias regras, onde não apenas serviriam para o matrimônio e a maternidade, mas teriam escolhas e voz. Mesmo diante de tanta opressão, as mulheres conseguiram deixar sua marca e marcos notáveis ao longo dos séculos, onde lutaram por espaços e escolhas.

A mulher, tida, como a figura da dona de casa, entendida como a “rainha do lar”, indispensável para a conservação da família. O ideal da “mulher burguesa” foi investido de certos poderes no âmbito doméstico, sobretudo em relação ao orçamento familiar. A redução do espaço de ação das mulheres ao âmbito doméstico foi um processo lentamente difundido na era moderna, restando às mulheres o reconhecimento social a partir da assunção dos papéis de mãe e de esposa. Contra essa situação, configurou-se o movimento feminista do final do século XIX e início do século XX. Os direitos à educação, ao trabalho e ao voto se constituíram nas principais bandeiras de lutas. (Souza, 2010, p. 113).

A persistência de muitas mulheres que lutaram pela igualdade dos gêneros, confrontando a estrutura patriarcal, deu início ao movimento feminista, onde o mesmo, se iniciou no final do século XIX ao início do século XX, tendo como foco a luta pela igualdade e equidade social entre homens e mulheres, onde elas teriam direito de estudar, trabalhar e viver em um ambiente social cultural igualitário. (SOUZA, 2010).

De acordo com o texto publicado no portal Escola Educação, sobre as “20 mulheres importantes que marcaram a história”, por Lidianne Porto em 2019, dentre as mulheres que tiveram sua marca na história diante de toda essa luta, estão elas: Maria da Penha Maia Fernandes, enfermeira que passou seis anos sofrendo agressões do seu ex-marido, quase foi morta e ficou paraplégica, isso devido a todos os ataques sofridos. Lutou por quase vinte anos para que ele fosse punido, ela escreveu o livro “sobrevivi...posso contar” em 1994, e em 2006 a lei Maria da Penha entrou em vigor.

Amelia Earhart, é uma defensora dos direitos das mulheres, e um importante símbolo e influência no setor de aviação nos Estados Unidos, por ser a primeira mulher a voar sozinha no Oceano Atlântico, a mesma também escreveu diversos livros sobre aviação, inspirando outras mulheres a pilotar. Amelia desapareceu em 1937 e foi declarada como morta em 1939. Malala Yousafzai, aos quinze anos de idade, já era uma ativista que lutava em prol do direito de meninas e mulheres a terem acesso à educação, no Paquistão. Ficou mundialmente conhecida depois de ter sido baleada por um militante talibã em seu ativismo, fazendo com que se tornasse a pessoa mais jovem a

ganhar o prêmio Nobel da paz, em 2014. Marie Curie, foi a primeira cientista mulher a conquistar o prêmio Nobel em 1903, e a primeira a ganhar o mesmo prêmio pela segunda vez em 1911, além de ter sido a primeira professora a ser contratada pela Universidade de Paris, uma imensa conquista para uma mulher da época, Marie também foi a cientista que descobriu dois elementos da tabela periódica: polônio e rádio. Já Rosa Parks, foi uma ativista norte americana negra, que se tornou um símbolo do movimento dos direitos civis dos negros. (PORTO, 2019).

Mulheres como estas, lutaram e levantaram voz, buscaram por seus direitos e foram símbolos de influência para muitas outras mulheres, onde as levaram a entender que podem obter os mesmos cargos que os homens, influenciando assim, o crescimento da luta pela igualdade de gênero e desconstrução dessa cultura social patriarcal.

### **3.3- Mulheres no mercado de trabalho**

Para Soares (2011), falar sobre os desafios da mulher no mercado de trabalho e na sociedade de forma geral, nos remete à história, tendo em vista que faz pouco tempo que as mulheres conquistaram alguns direitos, em exemplo, o direito ao voto em 1932. Outra conquista, foi o de jogar futebol na década de 80, para alguns o direito da mulher a jogar futebol chega a ser banal, no entanto, o esporte é uma paixão nacional, onde por sinal as mulheres são excelentes. O direito valido as mulheres entrarem no futebol, se deu apenas na década de 80, onde vinha sendo desmerecido anteriormente com a desculpa que o esporte afetaria a saúde da mulher e, conseqüentemente, a possível condição de maternidade, porém, a verdade, é que o futebol não era considerado ideal para mulheres. (LOPES, 2019).

Desse modo, tudo isso, reflete na sociedade em seu passado recente e no qual vive atualmente, entre a imposição machista e a resistência feminina, diante da organização da participação das mulheres nos diferentes espaços. Assim, adentra-se também no mercado de trabalho, quanto na forma, em que, e onde trabalham. Reforçando o pensamento, Pereira, Santos e Borges (2005, p.2) remete que,

A inserção da mulher no mundo do trabalho, ao longo desses anos, vem acompanhada de elevada discriminação, não só em relação à qualidade de ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal, mas no que se refere à desigualdade de remuneração entre homens e mulheres.

Para Soares (2011), as mulheres atualmente, são a maioria nos bancos escolares, principalmente nos cursos de graduação, no curso superior, mas, ainda são a minoria no mercado de trabalho de forma geral. Quando se coloca a percepção, para os cargos de liderança, a representatividade feminina ainda é menor, sendo também, para o setor político.

Segundo Querino, Domingues e Luz (2013), com o avanço da entrada do sexo feminino no mercado de trabalho, suas pequenas conquistas foram evoluindo e as ofertas de benefícios foram crescendo, as empresas começaram a oferecer salão de beleza, manicure e massagens para as mulheres, embora pareça ser um absurdo, visto atualmente, anteriormente era considerada uma prática diferenciada. No passar dos anos, grandes empresas ofereceram creches para as funcionárias, para que as mesmas, pudessem trabalhar com a segurança de terem seus filhos por perto, prática cedida para mães.

Em 2006, grande parte das melhores empresas para trabalhar, ofereciam licença maternidade de quatro meses, o que é permitido por lei<sup>4</sup>, em 2021, das 150 melhores empresas para trabalhar no Brasil, a maioria já oferecia licença maternidade de seis meses, e 5% delas oferecem licença paternidade de um a três meses. Os homens passaram a serem incluídos nessa pauta, e o mesmo, é visto como um avanço importante, por ser um assunto lidado como equidade de gênero e não de superioridade de gênero. Contudo, por mais que se tenha mais mulheres em pautas domésticas e em relação a cuidados com filhos, a inclusão dos homens na discussão desse sentido, é um avanço significativo.

Mesmo com dados de avanço da entrada da mulher no mercado de trabalho, como já mencionado anteriormente, a luta por suas conquistas na área ainda persiste. Por exemplo, nos cursos de graduação, como medicina, veio a dobrar nos últimos 20 anos, as mulheres representavam 30,8% dos médicos no país em 1990 e, 46,6% em 2020. Nos setores de TI, área da tecnologia, as mulheres ainda são minoria, representando apenas 20% de ocupação dos cargos. Porém, segundo o cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), a participação das mulheres nos setores ligados a tecnologia, teve um aumento significativo de 60% nos últimos 5 anos.

---

<sup>4</sup> A **licença-maternidade** surgiu no Brasil em 1943 com a **CLT**, por meio do **Decreto-Lei nº 5452**, de 1º de maio de 1943. Atualmente, a licença-maternidade é um **direito assegurado pelo art. 392 da CLT** e prevê que a funcionária gestante tenha direito a se afastar de seu trabalho, sem prejuízo de salário e emprego. (JUSBRASIL, 2021).

A participação da mulher no mercado de trabalho vem carregada de mudanças nas ocupações. Isso se deve ao fato de existir ocupações ditas essencialmente femininas, e outras masculinas. A maioria dos estudos na área verifica que a mulher no mercado de trabalho aumenta em quantidade, mas também muda de qualidade de ocupações, porque estão se inserindo em postos antigamente somente masculinos. (Pereira; Santos e Borges, 2005, p.4).

Dessa forma, Pereira, Santos e Borges (2005), ressalta que, o que antes não era permitido às mulheres, com intuito de reprimi-las e menosprezar sua capacidade. Atualmente, em pleno século XXI, o poder feminino já derrubou muros, preconceitos e limitações. Um dos principais embates, foi a entrada da mulher no nível superior, podendo exercer suas escolhas de profissão, mesmo sabendo que a disputa pelo sucesso profissional ainda era desigual, muitas mulheres fizeram seus nomes durante a história e evolução humana.

Hoje em dia é difícil encontrar postos de trabalho que não tenham sido invadidos pelas mulheres. Elas são sensíveis, persistentes, criativas e, ainda por cima, enfrentam dupla jornada de trabalho, ou seja, deve-se levar em conta que a maioria das mulheres, quando chega em sua casa, precisa cuidar dos afazeres domésticos. (Pereira; Santos e Borges, 2005, p.2).

Na atualidade, as mulheres são referências na vida acadêmica em vários assuntos. A procura pelo ensino superior é na maior parte dos casos pelo sexo feminino, quando concluem suas formações e adentram ao mercado de trabalho, seus limites são sempre testados, infelizmente, os cargos que a maioria exerce, não são em sua maioria, vistos em razão da igualdade, ou seja, mesmo com a lei, onde a legislação brasileira, inicialmente por meio da Constituição de 1988, traz a garantia de igualdade entre os cidadãos, independente de sexo, crença, raça ou cor, destacando que todos são iguais perante a lei:

**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (BRASIL, 1988).

Na prática a realidade é distorcida, contraditória e, ineficaz, tendo em vista, que mesmo com muitas lutas vividas, conquistadas e alcançadas, a mulher ainda é posta como inferior aos homens na realização de muitos cargos, principalmente de CEO<sup>5</sup>. Cintra e Eva (2014), “A mulher tem cada vez mais procurado estudar e aperfeiçoar

---

<sup>5</sup> CEO significa Chief Executive Officer ou diretor-executivo ou diretora-executiva. É o termo utilizado para definir a pessoa por trás da direção geral ou presidência da empresa, estando no topo da hierarquia empresarial. (UOL, ECONOMIA, 2024).

para melhorar o curriculum e ter facilidade de ser reconhecida no mercado; tendo como objetivo a ampliação de conhecimento e conquista de melhores condições no mercado; como: melhores salários, melhores cargos, respeito, autonomia e diversos outros benefícios que o estudo possa lhes oferecer como liberdade e independência financeira”.

Existem pesquisas que relatam sobre as diferenças salariais entre homens e mulheres que ocupam os mesmos cargos, apontando que os salários das mulheres são menos remunerados que dos homens, como também ocupam cargos mais baixos e de trabalhos intensivos. Entretanto, já os cargos que exigem maior experiência e de desenvolvimento técnico, ficam à cargo dos homens que ocupam também a maioria dos cargos de chefia e recebem salários maiores.

Um fenômeno, explicado pela separação ocupacional horizontal e vertical das mulheres afeta esta diferença salarial por atribuir a elas as tarefas ou serviços pior remunerados, e de certo modo, limitando seu acesso a certas ocupações. A discriminação assim pode emergir da segregação ocupacional, pelas quais certas categorias ocupacionais e serviços são reservados mulher, autonomia e trabalho de forma implícita) para as mulheres. De um modo geral, empregos e setores nos quais as mulheres predominam pagam menos do que aqueles em que os homens são maioria. Esta segregação de homens e mulheres em diferentes ocupações, ofícios e empregos específicos nas empresas, é geralmente resultado de atitudes fortemente impregnadas na sociedade ao longo de sua história e que são reproduzidas e reconstruídas nas culturas e práticas das empresas. Devido a esta segregação horizontal as mulheres acabam por serem excluídas das posições que pagam melhor, tradicionalmente ocupadas por homens e são recrutadas para serviços tradicionalmente femininos. (Soares, 2011, p. 284).

As diferentes características em relação a cargos de trabalho são perceptíveis quando se relacionado a questões de gênero. Nos diversos âmbitos do trabalho, formas de emprego, sendo eles, autônomo ou carteira assinada, a diferença entre homens e mulheres empregados é evidente, pesquisas apontam que, mesmo com o aumento de mulheres formadas e aptas a dirigir/exercer cargos superiores, o índice de desigualdade entre mulheres e homens que ocupam o mesmo cargo, ainda é crescente, onde a posição de um sexo masculino ainda é vista como superior (SOARES, 2011). Outro fator importante, está relacionado com a discriminação de gênero no mercado de trabalho, sendo as diferenças salariais algo totalmente notório.

São vários os motivos que levam as mulheres a ingressarem no mercado de trabalho e que devem ser estudados e analisados, pois tem um forte impacto nas relações sociais, pois significa mudanças nos padrões familiares e culturais. Segundo Gomes & Santana (2009), uma das principais razões para dar ênfase às mulheres

como proprietárias do seu próprio negócio é a flexibilidade do horário de trabalho, pois isso permite-lhes compatibilizar o trabalho e a família. Sendo assim, poucas mulheres têm limites claros entre o trabalho, vida pessoal ou familiar, sendo o conflito entre trabalho e família, algo comum. Em outras palavras, Querino, Domingues e Luz (2013, p. 5), remete que,

A mulher contemporânea oscila entre o cuidado do lar e a profissão, sendo ainda milhões de mulheres prisioneiras do lar, já que não conseguem resolver um grande dilema: conciliar o cuidado dos filhos, as tarefas domésticas, com a profissão. Como são responsáveis pelo funcionamento do lar, algumas vezes as opções são poucas ou ineficientes para ajudá-las a lidar com as questões lar e profissão.

Segundo os autores/as, vale a importância de salientar que,

Apesar das mudanças do mundo, ainda destinam às mulheres as atividades, tais como os cuidados com a casa e com a família, enquanto aos homens cabe o papel de provedor de sua família. Estas diferenciações por gênero ditado pelo mercado de trabalho, determinando assim que homens e mulheres ocupem lugares desiguais e hierarquicamente determinados e favorecem a ocorrência de discriminadores em relação às mulheres. O lugar ocupado pelo sexo masculino e feminino nos setores de atividade e na hierarquia das ocupações tem a característica do gênero. (Querino, Domingues e Luz, 2013, p.6).

Para Jonathan e Silva (2007), o tema mulher e trabalho, apresenta lutas e conquistas, por isso as mulheres ocupam cada vez mais o mercado de trabalho e o ambiente de negócios, e as revistas profissionais as têm destacado. A ascensão da liderança feminina nas empresas é sutil, mas eficaz, porque se desenvolve rapidamente ao longo do tempo. Uma mudança profunda e silenciosa está ocorrendo nos níveis mais altos da empresa.

Busca-se mapear as experiências de mulheres que, ao criarem e/ou assumirem a liderança de seus próprios negócios, inovam, transpondo o denominado “teto de vidro”, entendido como uma barreira simbólica que dificulta a ascensão das mulheres aos níveis mais altos da administração empresarial. (Jonathan e Silva, 2007, p. 77).

Desde que as primeiras feministas queimaram os seus sutiãs em protesto contra a sua subordinação aos homens, na década de 1960, as mulheres nunca estiveram tão perto do poder.

Ao invés das responsabilidades atribuídas historicamente as mulheres, como cuidar da casa, dos filhos e do marido, elas preferem gerenciar franquias quando o assunto é empreendedorismo. Essa preferência faz sentido, pois a marca já está consolidada no mercado e oferece diversas qualidades. Elas crescem no negócio escolhido e são capazes de administrar seu tempo entre vida pessoal e profissional. Esta

mudança que as mulheres estão experimentando não é nova. Em busca de oportunidades de emprego, promoveram uma revolução social para conseguir uma melhor distribuição econômica dentro das famílias e melhores padrões de consumo.

As mulheres buscam a autorrealização, gostando do que fazem e tendo autonomia e poder de decisão. Supõe-se que o pensamento das mulheres sobre o mercado de trabalho se torna eficaz, porque elas se aprimoram continuamente para aprender as melhores formas de criar e gerir negócios. Hoje, são considerados modelos de gestão, possuindo características que realmente fazem a diferença quando uma empresa deseja alcançar resultados satisfatórios.

### **3.3.1- Empreendedorismo feminino**

Dado que vivemos numa sociedade com elevados níveis de desemprego, devido as condições de vida, as ações de muitas pessoas visam garantir o desenvolvimento sustentável das suas famílias, e muitas mulheres sem rendimentos, procuram empresas de investimento/empreendedoras para garantir a subsistência das suas famílias.

O empreendedor/a é o detentor da capacidade de reinventar os meios para atender às crescentes necessidades da sociedade e proporcionar grandes transformações tanto econômicas como sociais e até mesmo ambientais. O empreendedorismo assume variadas formas e para fazer uma descrição da situação atual, esta pesquisa pergunta: por qual razão a mulher empreende? Para isso, torna-se necessário identificar a mulher empreendedora Brasileira; conhecer a história dessa mulher no mercado de trabalho; levantar os setores em que o empreendedorismo feminino é maior e a importância do estilo de gestão feminino para a sociedade atual. Empreender é uma tarefa tanto para homens quanto para mulheres, independentemente de sua classe social ou profissão. Basta que a pessoa deseje, use da sua criatividade, inove, motive e assuma riscos. (Amorim e Batista, 2021, p. 2).

Adentrar sobre o conceito do empreendedorismo, se torna necessário explanar sobre seu contexto histórico, de forma resumida, sabe-se que no século XVII, ocorreu a primeira revolução industrial na Grã-Bretanha, a partir disto a industrialização começou em todo o mundo e surgiu o empreendedorismo. Com as mudanças no sistema econômico, os empresários começaram a distinguir-se dos fornecedores de capital – que eram os capitalistas. Na altura, os pioneiros contratavam agências governamentais para trazer novos produtos ao mercado com os seus próprios planos de negócios e investimentos, sem o envolvimento de agentes capitalistas. Através do ocorrido o

empreendedorismo continuou crescendo e assumindo seus diversos riscos, sendo eles não apenas financeiro (AMORIM e BATISTA, 2021).

Desde o surgimento do setor industrial, as formas de empreendimento se inovaram ao passar dos anos, já no século XXI, dados fornecidos segundo o estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), mais de 1,2 milhões de novos negócios foram criados nos anos de 2016 a 2020, sendo 99% deles, micro e pequenas empresas. Existem aproximadamente 52 milhões de empreendedores/as corporativos e individuais no Brasil, empreendedores/as que trabalham em diferentes modelos de negócios e empresas, e em diferentes setores econômicos. Para Jonathan e Silva (2007), atualmente muitas brasileiras se arriscam no setor empreendedor, devido à falta de trabalho, necessidades especiais e problemas financeiros, seu crescimento é causado devidamente pelo aumento destas necessidades. O setor feminino empreendedor vem aumentando em diversos âmbitos, sendo a mulher vista a frente de inúmeros negócios, como membros de empresas, CEOs ou autônomas.

Assim sendo, o empreendedorismo feminino tem ganhando forças e se destacando cada vez mais, onde mulheres empreendedoras conseguem demonstrar habilidades inovadoras, determinações e muita resiliência. Isto é, enfrentando os desafios, mas também, buscando o espaço diante as abordagens do mundo dos negócios, ou seja, a resistência feminina. O empreendedorismo feminino, é então, uma razão não apenas da perspectiva econômica, mas sim, da inspiração para outras mulheres a conseguirem, resistirem, lutarem e alcançarem seu próprio espaço, diante de uma sociedade machista e opressora. Assim, é um movimento na busca da promoção da igualdade do gênero e o empoderamento feminino.

A presença da mulher chega a ser indispensável e necessária por diversos fatores. Assim, Nathacha (2021) explana sobre a inclusão feminina no mercado de trabalho, tendo a atuação do empreendedorismo feminino na sociedade, mostrando que as mulheres criam ativamente empregos, fazem crescer a economia e proporcionam empregos que apoiam o seu crescimento pessoal, profissional e financeiro. Estas características e competências das mulheres relacionadas com o empreendedorismo, são benéficas para a gestão das empresas. O sucesso durante a crise econômica, permitiu às mulheres obterem reconhecimento social no mercado de trabalho, o espírito empreendedor das mulheres voltou a estar em primeiro plano.

### 3.4 – As feiras

Segundo Dantas (2007), as feiras livres, diante do contexto histórico, surgiram enquanto os mercados de rua, no Médio Oriente por volta de 500 AC. A feira, é compreendida também, a partir da etimologia, pelo termo mercado que provem da palavra latina “*mercatus*”, ou seja, lugar para a prática do comércio e, por sua vez, a palavra feira, é originada do latim “*feria*”, isto é, “dia de festa”. Assim, a feira pode ser compreendida como um sistema de mercado, que está restrito a atender um determinado alcance regional. Sendo também, como um espaço em que as pessoas da cidade se reúnem em locais públicos, com a intenção de vender produtos e outros/as comprarem.

A noção de feira está ligada em geral ao entendimento de um espaço tradicional de troca de mercadorias e de culturas. Nesse sentido, constitui-se historicamente como lugar de encontro para a realização da dinâmica econômica de uma região ou país. A feira, ou mercado periódico, é um lugar público onde as pessoas mostram e comercializam os seus produtos em um local aberto, sendo palco de movimentos que provocam grandes transformações na paisagem e no espaço geográfico, envolvida em fluxos de mercadorias, pessoas e informações advindos de várias regiões ou até mesmo de outros países. (SANTOS, 2017, p.30).

Boechat e Santos (2011), remete que a partir disso, o poder público passou a fiscalizar, disciplinar e tributar as atividades desse evento comercial. A feira pode ser definida como um local de compra, venda e troca de produtos, diante um espaço de encontro entre compradores/as e vendedores/as, que estão conectados entre si, através de uma linguagem específica e regionalizada. A comunicação nesse sentido, reforça, a unificação cultural, onde diversas pessoas se socializam de acordo com seus interesses pessoais, mas que, também se organizam em coletivo, na organização e procedimentos para o acontecimento da feira, assim, é uma partilha em que todos/as são os atores/as, formando o que se chama de mercado livre. Dessa forma, Boechat e Santos (2011, p.3), contextualizam que,

Esta atividade comercial começou itinerante, mas com o passar do tempo começou a surgir uma necessidade natural de um local que promovesse a opção de todos os produtos, e que estivessem disponíveis para trocas e comércio. Com o tempo, provavelmente o número de pessoas foi aumentando e o poder público interveio com o objetivo de disciplinar, fiscalizar e, é claro, cobrar impostos.

De acordo com Souza (2004), o mercado livre (feiras) é a prática considerada mais antiga e tradicional, para a comercialização de produtos agrícolas ou hortícolas,

destacando que teve origem na antiguidade, quando os produtores trocavam os produtos excedentários e posteriormente passaram a comercializá-los em troca de dinheiro.

Desse modo, as feiras abrangem uma perspectiva histórica que se relaciona até a atualidade, diante os fatores, sociais econômicos e culturais. Ou seja, estes locais, se apresentam através das relações comerciais, pela razão cultural nos dias da feira e, na garantia do sustento, pelo fruto do trabalho das famílias através da venda. Assim, a feira contempla uma amplitude de conceitos, entre o econômico e cultural, isto é, na atividade comercial e, na oportunidade de conhecer pessoas de diversos lugares, personalidades e costumes diversificados. Assim, nesse trabalho, vamos destacar o exemplo da feira livre, situada na cidade Delmiro Gouveia em Alagoas.

#### **3.4.1- Uma breve construção da história da feira livre de Delmiro Gouveia-AL**

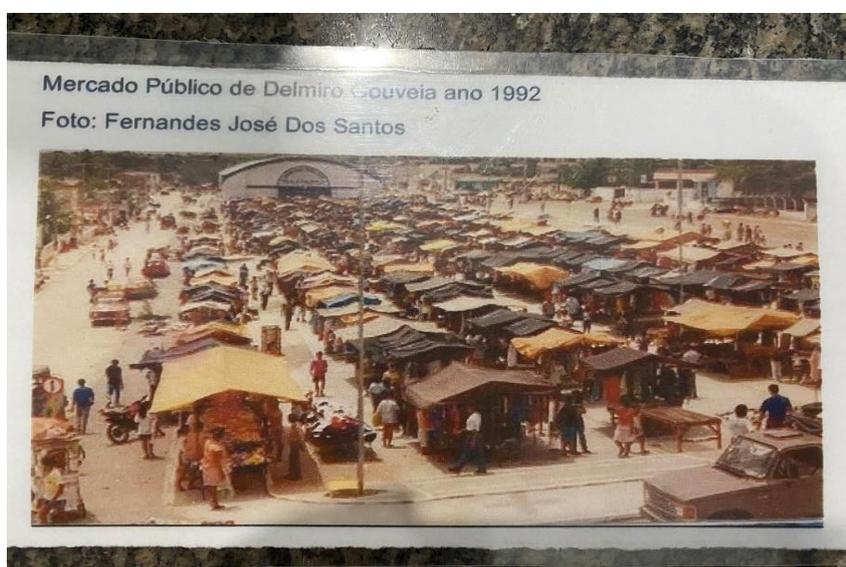
Segundo Santos (2017), a população e o desenvolvimento econômico, relacionados à pecuária e à cana-de-açúcar, foram determinantes no processo histórico e econômico na região do Sertão de Alagoas. Assim, na medida que a pecuária se expandia para a província do Sertão, surgiram vários aglomerados populacionais e com eles surgiram as primeiras formas comerciais constituídas por criadores de gado e alguns pequenos agricultores na região. Dessa forma, o surgimento desses espaços comerciais, conduziram ao desenvolvimento da Vila do Sertão e ao surgimento de novas cidades, outros mercados e, outros negócios na região do Alto Sertão alagoano, sendo então, pela Várzea do Pico e Água Branca.

Com o passar dos anos, a partir da feira da Várzea do Pico, novas feiras começaram a surgir na região, devido à alta movimentação das pessoas. Dessa forma, tempos depois, o povoado Pedra passou a ter sua própria feira, que tinha como uma vantagem na época, a estação de trem. Assim, alguns feirantes diante disso, passaram a trabalhar nas duas feiras, em Água Branca, e no povoado Pedra, (SANTOS, 2017).

A partir de 1917, com a construção da Fábrica da Pedra, (Primeira fábrica brasileira de linhas de costura) projetada pelo empresário Delmiro Gouveia, o bairro da Pedra passou a ter um maior fluxo e abrangência dos serviços, intensificando o mercado local. A localização da feira também é um dos principais fatores que influenciam esse nível de intensificação, pois está localizada ao lado da Fábrica da Pedra.

Vasconcelos (2019), destaca que, por volta da década de 1980, a feira livre que ficava localizada ao lado da fábrica da pedra (Centro urbano na época), foi relocada a outro lugar, razão devida, ao aumento do fluxo de pedestres e ao novo planejamento urbano da cidade, a feira foi transferida para o bairro Eldorado. Todavia, com a emancipação política da cidade de Delmiro Gouveia, cidade que leva esse nome em reconhecimento ao empresário da cidade que se chamava Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, a feira passou a ser reconhecida como a feira de Delmiro Gouveia em Alagoas. Tempos depois, surgiu o mercado público em proximidade a feira livre.

**Figura 2** - Mercado Público de Delmiro Gouveia ano de 1992.



**Fonte:** Arquivo da Administração da feira livre de Delmiro Gouveia;  
Registro de Souza, 2023.

A imagem apresentada na figura 2, retrata a feira depois de movida e reorganizada, foto tirada no ano de 1992, a imagem foi cedida pela responsável da administração da feira que fica localizada dentro do mercado público da cidade, (Informações obtidas a partir da pesquisa de campo).

Ainda, diante a coleta de informações, a feira na época, tinha uma fiscalização onde se era cobrado um imposto por cada banca de vendas, como também, as bancas eram de madeira e em seu teto tinham lonas e, a diversificação das vendas não eram muito diferentes das que são realizadas atualmente, isto é, com frutas, verduras e hortaliças, queijos, animais, entre outros.

Um fato curioso, obtido informação diante levantamentos da pesquisa de campo para esse trabalho (2023), é que a feira da cidade de Delmiro Gouveia, foi

iniciada (criada), através de alguns moradores/as do Distrito Alto dos Coelhos, município pertencente a cidade de Água Branca, através deles/as, que a feira foi levantada, onde possuem ilustre participação na feira até a atualidade.

### 3.4.2 A propósito sobre a feira livre de Delmiro Gouveia-AL

Nesse tópico, será compreendido brevemente, sobre a feira livre de Delmiro Gouveia, e sua dinâmica entre as relações dos/as feirantes e consumidores/as, além de entender o espaço do comércio enquanto variedade, cultura, sistema econômico e social. Desse modo, deve ser analisada como um verdadeiro ponto de encontro da cultura em meio ao comércio local.

**Figura 3:** Delimitação da área de estudo/ A feira livre de Delmiro Gouveia-AL

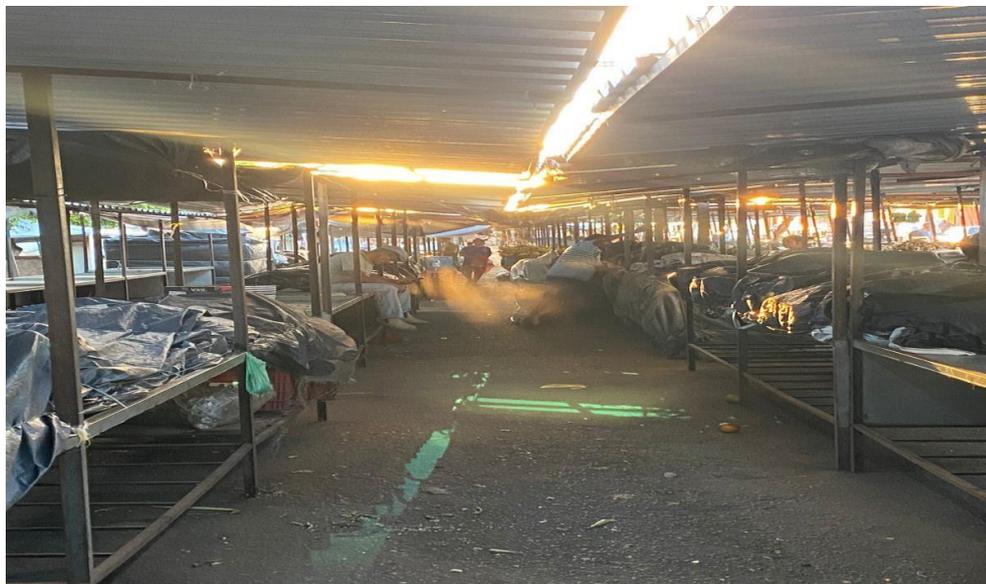


**Fonte:** Adaptado do Google Earth, 2024.

Ao analisar a figura 2, compreende-se que a feira livre de Delmiro Gouveia, está situada em ponto de grande fluxo na cidade, situada geograficamente em meio a outros polos comerciais, por exemplo o mercado público do município. Segundo a administração setorial da feira do município, o local próprio da feira, está passando por reformas, para ganhar uma nova estrutura, devido a esse fato, a feira foi reorganizada temporariamente, para o bairro Eldorado. Dante, a estrutura das bancas da feira, as barracas são feitas de ferro e zinco, e possuem um formato padronizado, no

qual, remete a uma organização setorial, que facilita os trabalhadores/ as e o fluxo dos consumidores/as. Observar abaixo a figura 3.

**Figura 4** - Imagem da estrutura da feira livre de Delmiro Gouveia-AL



**Fonte:** Souza, 2023.

De acordo, a administração setorial da feira livre em (2023), atualmente existem em média 732 bancas na feira, divididas por setor, uma parte só para frutas e verduras, outra para roupas, uma parte apenas para queijos e biscoitos e outras para acessórios e cosméticos.

Segundo Silva (2022), é comum em muitos lugares, as feiras serem realizadas em dias específicos da semana, no dia de maior movimentação. No entanto, a feira de Delmiro Gouveia permanece ativa a semana inteira, sendo ativa de segunda a sábado e até mesmo aos domingos. Todavia, a feira principal é realizada aos sábados, tendo seu maior número de feirantes presentes e maior fluxo de consumidores.

A feira que acontece diariamente, oferta aos feirantes a oportunidade de vender seus produtos em maior abrangência, assim, trabalhando semanalmente com produtos mais frescos e renovados. Durante a semana se encontra na feira produtos como: frutas e verduras, hortaliças, biscoitos e queijos. Entretanto, já aos sábados, dia da feira principal, a diversidade de produtos aumenta, levando a encontrar mais opções como acessórios, roupas, produtos de limpeza, ovos, animais como ovelhas, bodes, galinhas e vacas, brinquedos infantis, rações, lanches, leite, remédios naturais e outros, uma variação de opções, se pode dizer, que na feira se encontra quase de tudo um pouco (SILVA, 2022). Ainda, Vasconcelos (2019, p.11), remete que,

Se tratando da feira livre da cidade de Delmiro Gouveia, cidade localizada, no alto sertão do Estado de Alagoas, encontra-se desde produtos alimentícios, como: frutas, verduras, legumes, raízes, ervas medicinais, leite e derivados, carnes, ovos, comidas e bebidas diversas. Como também: animais vivos, roupas, acessórios diversos, produtos eletrônicos, artesanatos, entre outros. É nesse local onde ocorrem eventuais trocas de saberes e culturas, por meio de poetas populares, repentistas, trios pés de serra, cordelistas, contadores de histórias, que divulgam suas criações e que enriquecem ainda mais a cultura local.

A mercadoria fornecida aos feirantes é comprada diretamente com os fornecedores, mercadoria trazida de outras cidades para serem revendidas aos feirantes de Delmiro Gouveia e região. As mercadorias são trazidas em sua maioria da cidade de Itabaiana – Sergipe, no entanto, outros fornecedores trazem suas mercadorias das cidades de Petrolina – Pernambuco, Juazeiro do Norte, Piranhas AL e até mesmo de algumas serras vizinhas. (SILVA, 2022).

Segundo Oliveira (2020), a maioria dos/as fornecedores/as de produtos da feira de Delmiro Gouveia, são moradores/as da própria cidade, e que também, são feirantes presentes na feira. Ainda, além de fornecerem para os/as feirantes, eles/as, também fornecem para os pontos de comércio da cidade, como hortifrúti, supermercado e quitandas, como isso, acaba que contribuindo no movimento socioeconômico da cidade.

Muitos comércios se desenvolveram no entorno da feira, se beneficiando principalmente nos dias da feira principal, aos sábados, devido ao alto fluxo de circulação de pessoas da cidade e de outros lugares. Dessa forma, a feira motiva com que, aconteça o aumento e aberturas de demais comércios, por exemplo, os supermercados que se encontram nessa localização, as lojas de roupas, bombonieres, salão, bares, quitandas, farmácias, padarias, loja de construção, clínicas, escritório de advocacia, entre outros. (OLIVEIRA, 2020).

Sendo assim, entende-se que, os empreendedores/as abrem novos comércios ao redor da feira, devido a visão, entre a necessidade e oportunidade econômica que os mesmos analisam. Conforme a feira se dimensiona, o seu entorno se transformava. O comércio ao redor da feira é justamente uma estratégia de negócios, onde atualmente é encontrado uma amplitude e dinâmica comercial. Dessa forma, esses fatores, no qual, os trabalhadores/as articulam os novos espaços do comércio entre e ao redor da feira, favorecem para que as pessoas não se locomovam a áreas distantes,

conseguindo suprir boa parte dos afazeres e compras, na determinada área que se concentra entre e nas proximidades da feira livre.

Na dinâmica urbana de Delmiro Gouveia, destaca-se a feira livre pelo fato dela concentrar diversas atividades econômicas, de produção e comercialização de mercadorias e de prestação de serviços. Devido a sua diversidade de oferta, esta feira atrai para as suas margens a concentração de pequenos comércios para atender os feirantes e os clientes. Do mesmo modo, atrai para Delmiro Gouveia fluxos periódicos que contribuem para intensificar a dinâmica da cidade no dia da realização da feira. (Silva, 2022, p.56-57).

Desse modo, aqueles/as que se locomovem até a feira de Delmiro Gouveia, tem acesso a farmácias, supermercados, padarias, lojas, e até mesmo a casas lotéricas. Por essa razão delimitada, a estratégia do comércio nas proximidades da feira, é justamente efetivada devido à localização do próprio espaço, tornando um ambiente favorável a negociações e ao fluxo de pessoas.

## **4. – RESULTADOS, MÉTODOS E DISCUSSÕES**

### **4.1- Mulheres feirantes em Delmiro Gouveia-AL**

Para esse trabalho, foram utilizados o método de entrevista e pesquisa de campo, levantando dados e informações sobre a realidade do espaço de trabalho da feira em Delmiro Gouveia. Como também, na busca por maiores compreensões, foram coletados depoimentos das trabalhadoras feirantes, sobre assuntos pertinentes, entre como funciona a realidade na feira, o ser mulher e feirante na cidade, entre outros. Também, foi realizada, a coleta de informações com a equipe setorial da administração interna da feira livre na cidade.

É primordial ressaltar que, o tema sobre mulheres feirantes focado na cidade de Delmiro, vem com o intento, exploratório, analítico e conceitual, fazendo menções, devido ao aumento nítido da presença feminina no âmbito da feira livre. Sendo assim, é fundamental entender, sobre e a razão da luta pelo espaço da mulher feirante.

A presença feminina na feira, contempla diretamente a visão empreendedora, forte e guerreira, que vem adquirindo o próprio espaço, para a realização das atividades, mesmo com muitas lutas e opressões. Assim, a mulher feirante é justamente aquela que desarticula do ambiente privado do lar, para o ambiente público em busca do trabalho, buscando não só apenas um meio para suprir suas necessidades e sustento, mas, na busca por autonomia e reconhecimento.

O âmbito da feira livre, é um meio desafiador para as mulheres, assim, como em qualquer outro tipo de profissão, por razões oriundas diretamente da sociedade que mantém uma visão discriminatória sobre o seu verdadeiro potencial. Aquino (2010), retrata que, na divisão sexual do trabalho, o próprio sistema de gênero, estabelece diferentes capacidades e funções, para a mulher e para o homem, isto é, “a fêmea” na esfera doméstica como na esfera privada, enquanto os homens “os machos”, são responsáveis pelo espaço público. Por essa razão, constitui as limitações e a inclusão, que aumenta na dificuldade de acesso das mulheres à esfera pública. No entanto, apesar de todas as dificuldades, as mulheres conseguiram muito e ainda há muito a ser superado e conquistado, para reverter a discriminação e a exclusão histórica, que muitas continuam a sofrendo devido às tensões e exclusões que acompanham a sua participação na sociedade.

É sobre essas dificuldades da inclusão sofrida pelas mulheres, que este presente trabalho apresenta o espaço da feira livre, focando na mulher feirante, especificando a cidade de Delmiro Gouveia- AL. Diante as lutas, escolhas, e dificuldades sofridas pelo gênero feminino neste cenário do trabalho e nas dissonâncias do mercado.

Partindo, diretamente a proposta, Vasconcelos (2019), ressalta que as/os feirantes da cidade de Delmiro Gouveia, são em sua maioria do gênero feminino, tendo a feira comportada pessoas da própria cidade, entre a zona rural, urbana e municípios vizinhos. A locomoção das/os feirantes entre cidades vizinhas é algo natural no município, tendo grande parte dessa deslocação do lugar, são feitas principalmente, por mulheres feirantes que vão em busca do sustendo familiar e da independência financeira.

A feira livre, do município de Delmiro Gouveia-Alagoas, ficou constatado que 76,66% deles eram do gênero feminino e 23,31% 30 dos entrevistados eram do gênero masculino, deixando claro a presença dominante das mulheres mesmo nesses nichos de mercado, onde muitas trabalhavam com seus respectivos maridos, ou mesmo “sozinhas”, solteiras, divorciadas, ou mesmo viúvas, e que com os lucros obtidos na feira garantiam sua independência financeira e sustentavam suas famílias. (Vasconcelos, 2019, p.29-30).

A feira por sua vez, é um ambiente que se constitui como um “espaço plural”, onde se encontra a cultura e arte, arte, mas propõe diretamente ser o meio principal da manutenção do sustento e da conquista da liberdade profissional, sendo considerado como um segundo lar, diante a gama de atribuições que a mesma consegue ofertar. Segundo a Braudel (1998 p. 6), a feira configura-se como “um centro natural da vida social”. Que, Dardel (2015, p.50, *grifo nosso*), fortalece dizendo que, é uma “relação vivida das mulheres e homens com lugares determinados faz verdadeiramente deles, no sentido rigoroso, ‘gente do lugar’, a vida está ali, e a feira as/os realizam[...]”. Assim, as feirantes possuem lações de familiarização com o espaço, tornando um ambiente que as fortalecem, que as aproximam, que as permitem conquistar e superar desafios.

As mulheres que trabalham na feira da cidade, em sua maioria, possuem relações de outras gerações de feirantes, dando continuidade a um novo ciclo. Entre as gerações passadas e futuras, se encontra nesse meio comercial, mulheres que perderam seus empregos e buscaram a partir da feira, o recomeço como meio da sobrevivência, além daquelas que buscam autonomia financeira entre outros. Diante disso, é notório os desafios e lutas que todas acabam sofrendo diante as imposições sociais que ultrapassaram as décadas, envolvendo a desigualdade de gênero, no qual, por

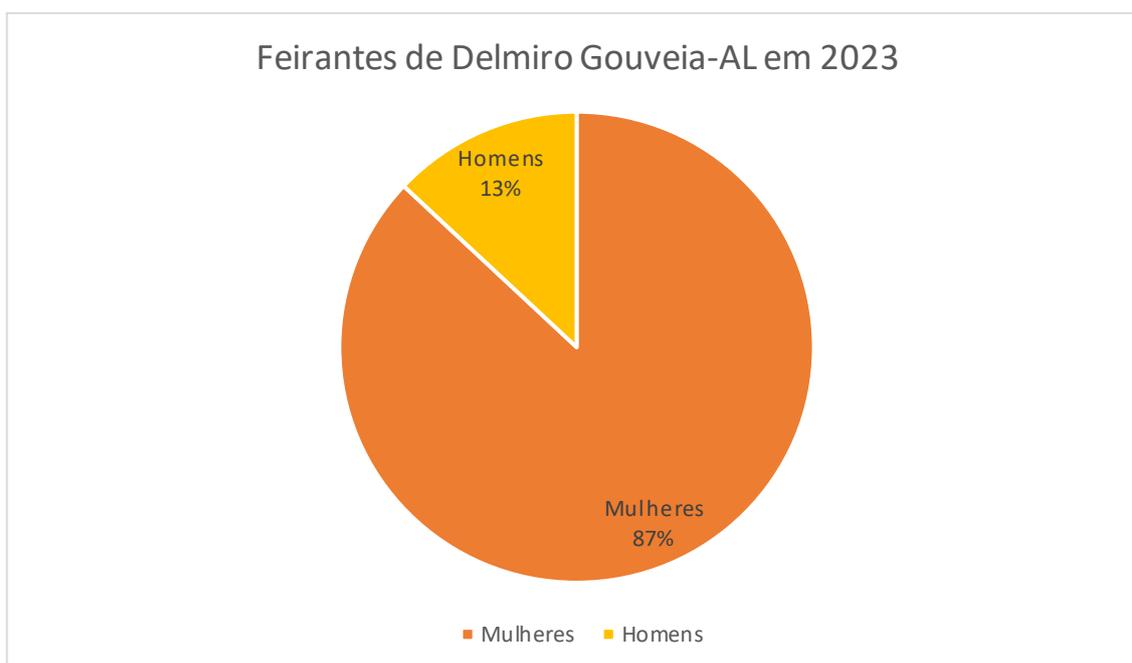
muitas vezes, tiveram suas escolhas questionadas. “Quando tratarmos do significado da palavra “trabalho” entre as feirantes, seu alcance se restringiu à possibilidade do consumo básico necessário para a manutenção da vida, tendo ênfase o pagamento das contas e o sustento da família” (AQUINO, 2010, p. 73).

Para a maioria das mulheres, tomar como decisão, a feira como profissão, não foi fácil, diante de inúmeras discordâncias impostas. No entanto, seu crescimento nesse meio, mostra que o sexo feminino é emponderado, sabe gerir o trabalho, sua casa, sua família e manter a responsabilidade em ser mãe, e não propriamente depender de um “provedor” nas suas vidas. Dessa forma, perante as lutas e resistência, o gênero feminino domina e conquista, a autonomia do ser a feirante de Delmiro Gouveia, que mantém, o comércio vivo e ativo, e são as suas presenças, que favoreceram o crescimento e favorecem até os dias atuais.

Segundo Vasconcelos (2019), desde abertura da feira que está localizada em frente ao Mercado Público, o índice das feirantes, prevalecem em sua maioria. Porém, vale destacar, que o aumento não é sobre escolha da profissão, e sim pela necessidade das mesmas e das famílias. Ao constar os dados e toda a conjuntura histórica, infelizmente, analisamos, que essas escolhas, passaram a ser o único meio de sustento, provendo suas necessidades. Entretanto, fazem das próprias escolhas, em razão de ofertar oportunidades aos filhos/as, para que, não tenham que deixar seus estudos de lado para terem que trabalhar.

A motivação está intimamente relacionada com as necessidades pessoais. Assim, as necessidades direcionam o comportamento daqueles que procuram satisfazer carências pessoais. Tudo o que leva a alguma satisfação dessas necessidades motiva o comportamento, isto é, provoca as atitudes das pessoas. (Chiavenato, 2007, p. 172.).

Ainda, mesmo sendo uma feira aparentemente pequena, a feira de Delmiro comporta inúmeros feirantes, de acordo com o setor responsável pela administração da feira em entrevista no ano de (2023), a presença feminina na feira ultrapassa a maioria, sendo seu maior público de feirantes mulheres, analisar o (Gráfico1). Ressaltando que, o número de feirantes não está vinculado apenas aquelas que residem na cidade, estão entre todas, das cidades, povoados, vizinhos.

**Gráfico 1 – Feirantes da Cidade de Delmiro Gouveia, 2023**

**Fonte:** Dados da Secretaria da Feira livre/Mercado Público, 2023/ Elaborado por Souza, 2023.

Como apresentado no gráfico acima, no ano de 2023, 87% das feirantes são mulheres e, apenas 13% são feirantes homens. A administração da feira livre por sua vez, não possuem dados exatos e por completo, trabalha-se então, com as estimativas, assim, não se tem informações exatas, sobre e como estão essa distribuição por banca e por produtos. Tendo assim, as informações já mencionadas.

Todavia, são encontradas e observadas, as feirantes que trabalham com frutas e verduras, queijo, biscoitos, doces, lanches, café, almoço, carnes, eletrônicos, produtos de higiene, bijuterias e acessórios, animais, vestuário e cosméticos, entre outros. No entanto, mesmo com a presença da mulher feirante em maioria no ano de 2023, segundo informações passadas pela secretaria da feira livre de Delmiro, entre os anos de (2012 até 2023), houve uma baixa considerável entre as feirantes mulheres, razões explicadas, pela saída das mulheres mais antigas, que trabalhavam na feira da cidade. (ADMINISTRAÇÃO SETORIAL DA FEIRA LIVRE DE DELMIRO GOUVEIA-AL, 2023).

Foram levantadas, a partir das pesquisas de campo, que as feirantes mais antigas, passaram o processo, atribuições e ensinamentos as suas gerações, que tornaram continuidade ao seu trabalho na feira. Todavia, em pesquisa de campo (2023), se encontra 2 (duas) senhoras que ainda procedem no trabalho de feirante, uma com 74 (setenta e quatro) anos de idade e a outra próxima aos 80 (oitenta) anos, quando

questionadas por ainda estarem trabalhando, as mesmas, respondem que não conseguem ficar sem trabalhar, pois, a feira é como uma segunda casa na vida delas, continuam a frequentar, porque é uma distração, um lugar de muitas conversas, um sentimento de lar e pertencimento.

Sobre esse contexto, Greiziane Araujo e Clarice Gonçalves autoras do artigo - *Feira livre: Uma proposta metodológica para o ensino de geografia*, as mesmas dizem que as “feiras livres constituem-se num espaço da interação social”, no qual, se torna maior que apenas um trabalho, mas sim, um fator cultural enraizado que torna parte da própria vida. Com isto, a convivência das pessoas, as trocas de informações e elos de amizades entre clientes e feirantes, mostra que a história do lugar “tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso” (CARLOS, 1993, p. 20).

O espaço da feira enquanto as mulheres como feirantes, é de suma importância para diversos estudos, onde traz a razão, fatos e nitidez que a mulher vem conquistando espaços, em campos que antes eram desafiadores e não permitidos. Dessa forma, a feira carrega uma amplitude exploratória para diversos assuntos. Assim, parte de um pressuposto, explorar, entender e ouvi-las, para assim, contextualizar parâmetros diante a relevância pertinente, que gira em meio a nossa realidade, é então, uma exploração social, psíquica, cultural, resistência, lutas, conquistas, diante da mulher na feira livre.

Postergando, a princípio, foi realizada, com uma entrevista,<sup>6</sup> com 07 (sete) feirantes, trabalhadoras da feira em Delmiro Gouveia - AL, na busca de nortear informações diretas e relevantes diante do contexto dessa pesquisa. As mesmas, se pronunciaram, relataram e apresentaram respostas, ao serem perguntadas, sobre perguntas/indagações, frente a averiguação sobre como é ser uma feirante mulher, os desafios, a realidade e toda conjuntura ética. Embora algumas, relatassem que nunca tiveram problemas por serem mulheres trabalhando na feira, e que na maioria das vezes sempre formam tratadas com respeito, tiveram outras feirantes, que mencionaram que já sofreram algum tipo de assédio ou desrespeito. A partir disso, diante dos depoimentos das

---

<sup>6</sup> Entrevista aconteceu no local de trabalho das feirantes, isto é, na feira livre de Delmiro Gouveia -AL, em mar. de 2023. O formato foi, entrevista direta (um diálogo), com pergunta e respostas, capturados por aparelho de áudio. As feirantes, tiveram seu nome mantido sobre sigilo, além de outras informações pessoais preservadas, por questões e razões de segurança, respeitada assim, pela liberdade de expressão e a livre espontaneidade das mesmas. Vale ressaltar, que tal fato em nenhuma circunstância reitera a objetividade da pesquisa, pois, o intento é entender as dinâmicas e dissonâncias profissionais. (SOUZA; ENTREVISTA, 2023).

mulheres feirantes, sobre a realidade, cotidiano profissional, fatores éticos e as violações do direito (Moral e verbal), na feira livre, destacaram que<sup>7</sup>:

*Feirante 1 - Fui criada nas feiras, vendo desde pequena minha mãe trabalhando aqui pra poder dar para eu e meus irmãos alimento, éramos muito pobres, mais graças a deus nunca chegamos a passar fome. Foi nessa criação que eu me criei, e cresci ajudando minha mãe e hoje com 46 anos, eu continuo trabalhando aqui na feira e na feira de água branca também, e eu gosto, – risadas...*

*Feirante 2 - Eu trabalhava com meu marido numa banca de sandálias e aperecatas, mais eu num gostava não, era muito sofrido minha fia, por que ele era ruim de mais, gastava o dinheiro com cachaça e nunca me dava nada, até um desodorante pra comprar pra mim, eu tinha que pedi permissão pra ele. Ai depois que eu me separei, mais com medo minha fia, por que ele me batia. Hoje eu vendo lanche com minha filha e essa banca de fruta aqui atras também é nossa, e deus tem nos ajudado muito.*

*Feirante 3 - Quando comecei a trabalhar aqui na feira foi muito difícil, por que eu trabalhava ajudando um homem de piranhas numa banca de queijo, vendia mais ele dia de sábado, ganhando 30 reais a diária, mais como eu precisava, tinha que ir mesmo sendo pouco, mais ele era um homem bom, me dava queijo e um pouco de bolacha pra levar pra meus filhos. Depois ele deixou a feira, e eu comecei a trabalhar ajudando nas bancas de verdura, quando eu peguei o jeito, me arisquei pra vender também, e tá dando certo graças a deus, ninguém lhe ajuda no começo, se tiver vizinho homem, tem que saber trabalhar, por que se deixar eles ficam com ousadias, aí tem que botar moral.*

*Feirante 4 – Não é uma vida fácil a de feirante, por que é um trabalho incerto, semanas de lucros e outras não, os prejuízos são muitos, mais graças a deus eu nunca tive problemas com meus vizinhos, e olha que são todos homens – risadas..., mais com clientes eu já tive, sempre tem aqueles que vem comprar aqui na banca só pra dar em cima da pessoa, principalmente os velhos, a pessoa leva na brincadeira pra distrair, mais sempre mostrando que não tem interesse, por que se não eles vão pensar que você está correspondendo a ousadia.*

*Feirante 5 – Vixe..., já passei por tanta coisa, quando a feira ficava ali na frente do mercado, onde estava em construção a nova feira, a minha banca de queijo ficava do lado das barracas de comida, só dava macho lá, nem um copo de água eu descia pra pegar nas barracas, por que eles olhavam dos pés à cabeça, comiam com os olhos e soltavam indiretas, falando de mulher boa, uma dessas lá em casa, essas coisas, e ainda vinham comprar queijo só pra encher o saco.*

*Feirante 6 – Comigo nunca mexeram, os homens sempre me trataram com respeito, também nunca dei liberdade pra nada, por isso. Trabalho normalmente sendo mulher como qualquer outro homem daqui, nunca vejo diferença, carrego caixa do mesmo jeito, agora é só não dá ousadia ne, porque se deixar eles se aproveitam querendo ficar cheio de intimidade.*

*Feirante 7 – Quando vê uma mulher trabalhando na banca, muitos homens acham que a pessoa é besta, aí tenta se aproveitar, isso quando você é nova,*

---

<sup>7</sup> Os relatos destacados pelas feirantes, estão diante as suas falas originais expressadas pelas mesmas, onde partiu do uso da gravação por áudio, e a transferência por escrito, na forma de texto, como destacado. (SOUZA; ENTREVISTA, 2023).

*mais uma velha como eu, já tenho experiência, tem que colocar moral, por que tem também tem muitos senhores velhos, já de idade, com gestos e jeitos vulgares.*

A partir dessas conversas, conseguimos entender como é a realidade da mulher trabalhando na feira, entre as situações e os constrangimentos que muitas tiveram que passar. A vida de uma feirante não diferente da vida de muitas outras mulheres, mudando apenas o espaço de trabalho. Dessa forma, não importam onde elas estejam, só o fato de ser mulher, as conduzem a desconfiança, violação dos direitos, e situações desagradáveis. Contextualizando, Lima (*et al.*, 2019, p.108, grifo nosso), reforça que “Beauvoir é enfática ao dizer que, ‘Não se nasce mulher, torna-se mulher’, faz-se uma crítica como a mulher é inserida na sociedade ou, pelo menos, era. O fato de ter nascido mulher, biologicamente falando, não quer dizer nada, porque a sociedade sempre teve uma forma de vida pronta para o sexo feminino”.

São diante a essas situações, que as lutas por empoderamento, igualdade, equidade e inclusão, devem ser fortalecidas e levantadas todos os dias, isto é, dia após dia, incansavelmente. Dessa forma, mesmo que muito já tenha sido conquistado, existem diversos fatores que precisam ser melhorados. a feira em si, é um espaço onde incorpora a maioria dos casos e situações vivenciados pelas mulheres, trazendo histórias de muitas superações e conquistas, por mais que seja um lugar de muitas dificuldades, ela traz um determinado sentido do acolhimento e pertencimento a cada mulher nela presente.

Para obter mais informações sobre as feirantes da cidade de Delmiro, foi realizada uma outra entrevista<sup>8</sup> adicionando algumas outras feirantes e com a participação das primeiras vistas acima. Assim, dessa vez, se deu a partir de um pequeno questionário com perguntas simples e de fácil compreensão, com o intento de entender melhor, a situação das mulheres feirantes da cidade em questão. A entrevista foi realizada em um dia de quarta-feira, no “meio de semana”, devido ao pouco fluxo de clientes na feira, mas, com maior fluxo de feirantes, devido ser o dia de reposição das mercadorias. O questionário foi respondido em formato de entrevista com perguntas e respostas, que totalizaram com 28 (vinte e oito), mulheres feirantes, assim esse é número percentual, para embasamento nas informações a seguir. Salientando que, essas

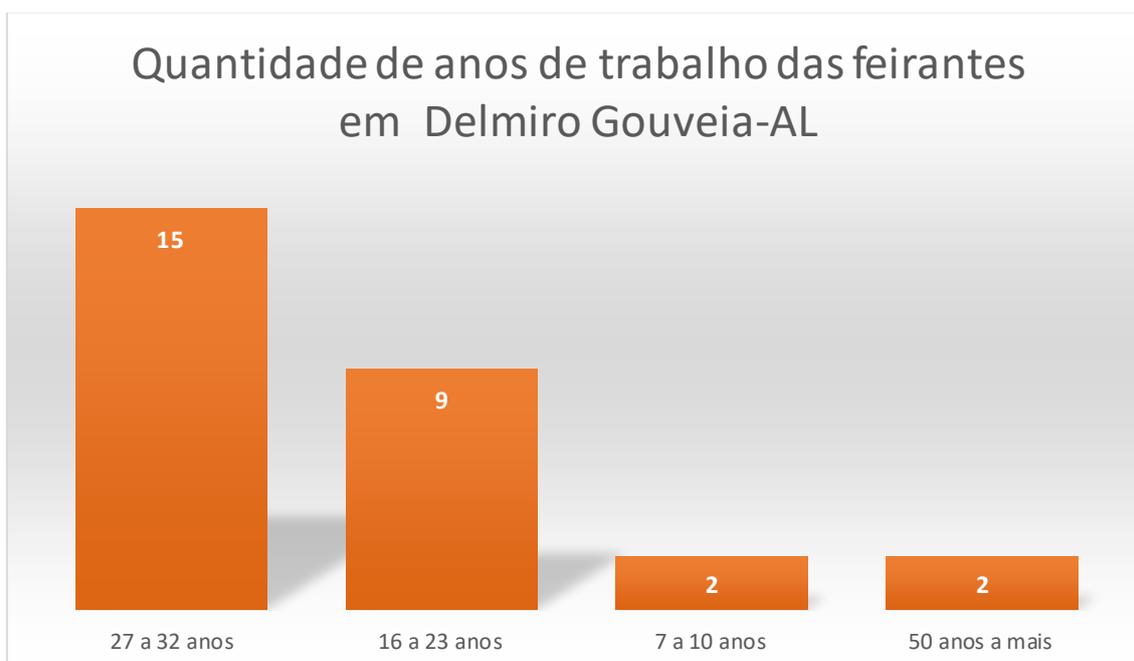
---

<sup>8</sup> Entrevista aconteceu no local de trabalho das feirantes, isto é, na feira livre de Delmiro Gouveia -AL, em mar. de 2023. Diante, continuação a averiguação da pesquisa, utilizando dessa vez, um questionário, foram totalizadas 28 entrevistadas, somando assim, com as 7 que tinham participado da primeira entrevista direta, que também participaram desse questionário. Observar (Apêndices).

informações levantadas a partir da pesquisa de campo, são de suma importância para o entender a realidade feminina no espaço da feira.

Das 28 mulheres entrevistadas, quando perguntadas “Sobre o tempo enquanto feirantes na cidade de Delmiro”, 15 (Quinze; feirantes) responderam que tem de 27 a 32 anos de trabalho na feira; outras 9 (Nove; feirantes) tem de 16 à 23 anos; 2 (Duas; feirantes) entre 7 à 10 anos; e as outras 2 (Duas; feirantes), possuem entre mais ou menos 50 anos no exercício da feira, analisar abaixo o (Gráfico 2). As duas senhoras ditas por último, com mais tempo de feirantes, relataram que trabalham na feira livre da cidade, desde a antiga feira, que era localizada no centro da cidade de Delmiro, antes de ser reorganizada.

**Gráfico 2:** Quantidade do tempo de trabalho em (anos) das feirantes de Delmiro Gouveia-AL por feirantes

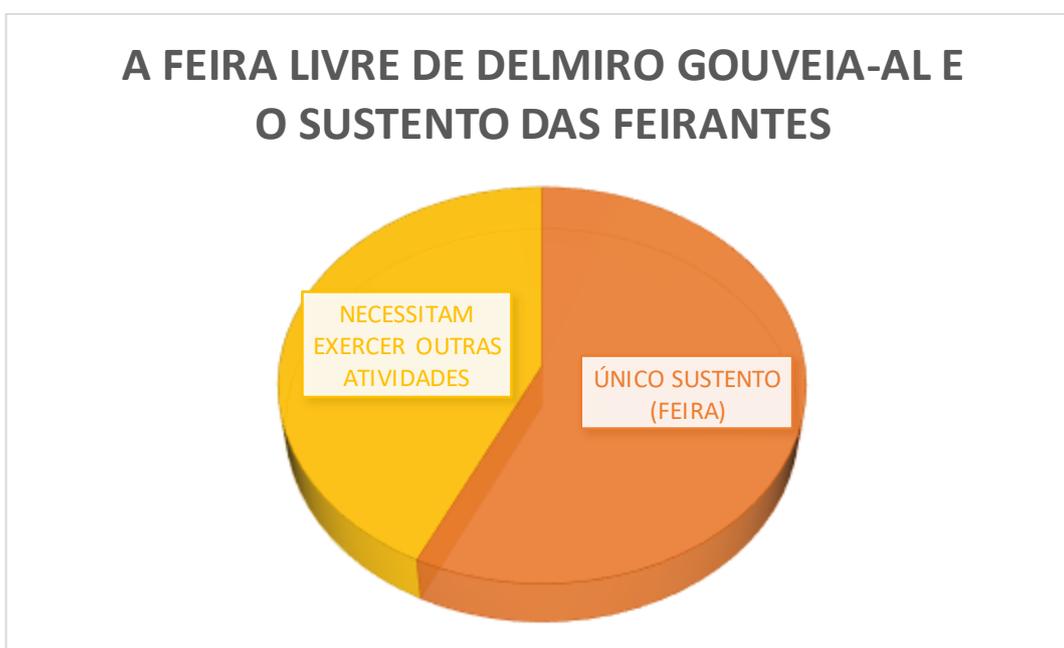


**Fonte:** Elaborado por, Souza, 2024.

Em outra pergunta, sobre as mesmas possuir um determinado vínculo de uma geração de feirantes anteriores, ou serem as únicas da família a estarem na feira. As respostas obtidas foram que, 23 (Vinte e três; feirantes), responderam que sim, que vem de uma geração de outras/os feirantes, e que sempre foram ensinadas desde pequenas a trabalharem na feira, devido suas mães e pais, precisarem levá-las juntos para trabalhar. Apenas 5 (Cinco; feirantes) disseram que são as únicas da família a trabalharem como feirantes.

Ao perguntadas se a feira era seu único sustento (garantia de renda), a maioria das 28 (Vinte e oito; feirantes) entrevistadas, responderam que sim. Contudo, 12 (Doze; feirantes), responderam que não, e que devido ao aumento dos preços das mercadorias, apenas a feira não estava sendo o suficiente para suprir todas suas necessidades, e por isso, optaram a aderirem outros meios de ganhos financeiros, como por exemplo, vendedoras de cosméticos e perfumarias, cama mesa e banho, entre outros. A partir disso, compreender o gráfico 3 abaixo:

**Gráfico 3:** A feira livre em meio ao sustento para as feirantes de Delmiro Gouveia-AL



**Fonte:** Elaborado por, Souza, 2024.

Quando perguntadas se conseguem conciliar o trabalho de feirantes com o papel de mãe e esposas, todas responderam que sim, e que *“Às vezes é difícil e doloroso, mas, sempre consigo, pois ensino a meus familiares, que é devido ao meu trabalho que mantemos a comida na mesa e as contas em dia”*. (FEIRANTE, 2023).<sup>9</sup>

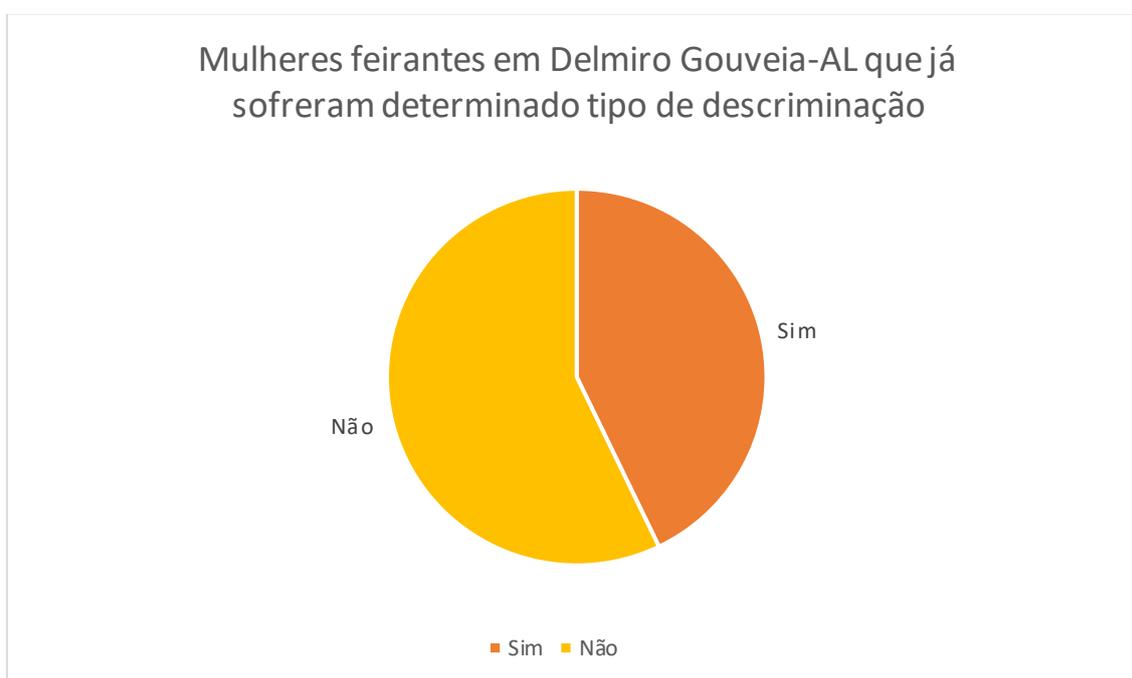
Em meio a entrevista, foi perguntado a elas, por fato, em serem mulheres feirantes, se haviam sentido algum tipo de desconforto, assédio, ou violação verbal ou moral no trabalho. Assim sendo, a maioria respondeu que nunca se sentiram menosprezadas ou constrangidas a esse fato, e que sempre foram respeitadas. Porém, 12 (Doze; feirantes), responderam que já, (Observar abaixo o gráfico 4). Onde, relataram

<sup>9</sup> Feirante entrevistada na feira livre de Delmiro Gouveia-AL, por Souza, 2023.

que foram sim, menosprezadas por serem mulheres que trabalharam na feira, sendo vítimas de assédio, principalmente quando trabalhavam para outras pessoas na feira como ajudantes, antes de trabalharem para si mesmas.

Entre mais relatos, algumas falaram que eram vistas como “fracas e burras”, e outras expressões constrangedoras. Além de clientes machistas, que “soltam piadinhas preconceituosas”. A feira, é um trabalho braçal e árduo, nisso algumas disseram que no princípio, trabalhavam com os maridos, mas que eram ignoradas e ofendidas moralmente, pois eles se sentiam, como o único provedor da família, não as deixando usufruir dos ganhos como feirantes, e que devido a isso se separaram (Vínculo afetivo e conjugal), mas que, continuaram na feira trabalhando para elas mesmas. Vale ressaltar, que os dados e estimativas, dialogam a uma entrevista para embasamento prévio, isto é, é um dado que remete atenção, se considerado uma estimativa matemática, a partir de uma possível análise geral<sup>10</sup>.

**Gráfico 4:** Feirantes que receberam algum tipo de assédio ou violência moral na feira livre de Delmiro Gouveia-AL



**Fonte:** Elaborado por, Souza, 2024.

<sup>10</sup> É importante conscientizar a população sobre o combate aos diversos tipos de violências sofridas pelas mulheres. Por isso, é importante que todos (as), fiquem atentos aos canais de denúncia disponíveis e compartilhem estas informações com o maior número de pessoas, para que qualquer caso de violência contra a mulher não fique impune. Canais de denúncia: Central de atendimento à mulher – 180; Central de emergência da polícia Militar-190; disque denúncia -181 (Canal oficial de denúncias anônimas); e Disque Direitos Humanos – Disque 100. (Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS, 2020).

Ainda, das 28 entrevistadas, apenas 4 (Quatro; feirantes), responderam que trabalham apenas na feira da cidade de Delmiro Gouveia, as outras feirantes, ou seja, a maioria, falaram que não. Assim, ressaltaram que, trabalham nas cidades vizinhas nos dias de feira, sendo na segunda-feira na cidade de Água Branca/AL; quarta-feira à sábado em Delmiro, além do Inhapi e Paulo Afonso/BA, e aos domingos para as feiras da cidade de Pariconha/AL e do Distrito Alto dos Coelhos, município de Água Branca.

Como o questionário foi de apenas 8 (oito) questões, a última pergunta foi sobre o que a feira representava para a vida delas. Sendo assim, todas responderam com satisfação que o seu trabalho, é como uma segunda casa, pois seus/suas colegas de trabalho, amigas/os feirantes, clientes bons, eram como uma família. Na medida em que, existem os desentendimentos, apoio, ajuda, intriga, tolerância, mas que, na dificuldade existe uma união, principalmente entre as amigas feirantes, uma ajudando as outras na maioria das vezes. Não generalizando, mas, é possível encontrar diversos laços sinceros, ao seu redor, apesar de algumas adversidades – Segundo as palavras delas.

Ser mulher e ser feirante não é fácil, mesmo observando que muitas conseguem conciliar o trabalho, a família e outros serviços, não pode ser dito, que é um ato de 100% (satisfatório). Ou seja, sempre haverá questões a serem resolvidas, pois aquelas que escolhem seguirem a vida enquanto autônomas, serão criticadas por uma grande maioria da sociedade, principalmente ao ser mulher, pois surgem as dúvidas e questionamentos em tono de si, as vezes até nas próprias residências e por pessoas próximas. Entretanto, é possível nortear, que essas mulheres trabalhadoras, não seguem as regras impostas pela sociedade ou para o gênero. As feirantes além da luta as adversidades, tem a partir da feira, seu sustento, e um meio que as mantém vivas e pertencidas aquele meio.

Para Aquino (2010), trabalhar na feira tem um significado especial, pois faz sentir-se pessoalmente úteis e produtivas. Na feira elas podem conhecer outras pessoas, sair das amarras sociais, traçar seus próprios objetivos, sentir satisfeitas em ajudar a família nas despesas e, conquistar independência, buscando a própria autonomia. No entanto, vale ressaltar, que essa pesquisa, não busca romantizar a falta de melhores condições, e sim se faz necessário o dialogo por maiores garantias a essas mulheres. Todavia, em relação a vida, em que submete a mulher a inferior ao homem, que por muitas vezes não podem exercer a autonomia sobre seus desejos e vontades,

vistas apenas como valor reprodutivo e não produtivo, dona do lar, essas mulheres feirantes, representam uma resistência mediante a esse processo da imposição machista presente na sociedade.

É preciso maiores lutas e resistência, pois em pleno século XXI, ainda existe a figura do pai como chefe da família e único provedor, onde a sociedade permanece com antigas construções do pensamento de inferiorizar a mulher, como as já mencionadas anteriormente, no qual, coexistem vestígios do passado que são postos no presente. Sendo, esses vestígios, que fazem com que mulheres lutem e resistam por igualdade, equidade e defesas para o sexo feminino, para uma garantia do melhor futuro.

#### **4.2 A luta por espaço e visibilidade**

Diante os entendimentos e levantamentos das informações da pesquisa sobre a mulher feirante de Delmiro Gouveia, se torna promissor o maior debate pela luta, por igualdade e equidade entre os sexos. Isto é, promover a participação das mulheres diante a maiores debates públicos e nos cargos públicos, fortalecer o empoderamento feminino, intensificar os movimentos sociais na luta e resistência, fortalecer meios para maiores investigações acadêmicas e, ações do desenvolvimento, por meios de projetos e políticas públicas ativas. O foco concentra em buscar a autonomia na tomada de decisões, nas reivindicações das mulheres diante a esfera pública e no empoderamento.

Desse modo, diante o contexto da pesquisa, Natacha (2021), remete o pensamento, sobre a mulher na feira livre, reforçando que, são a partir delas, que começaram a abranger espaços dos negócios na vida das mulheres. Sendo, espaços esses, que apenas eram concedidos para o sexo masculino (aos homens). Com o passar dos anos, presenciamos um crescimento da mulher em meio aos negócios que se concentra cada vez maior, onde elas estão buscando o próprio espaço, a visibilidade e principalmente, se tornarem livres e independentes, donas do próprio negócio, mesmo enfrentando inúmeros desafios diários, como a rotina exaustiva, falta de experiência, cuidado com os/as filhos (as), conciliação com a vida pessoal, entre outros. Em meio ao crescimento da mulher empreendedora, ressaltamos, que as feirantes têm papel fundamental e crucial nesse processo.

Natacha (2021, p.77), afirma que:

Estamos vivenciando um cenário de mulheres empreendedoras, onde estas estão procurando seu próprio espaço e visibilidade na sociedade de forma igualitária, buscando tornarem-se independentes, com seus próprios negócios como ferramenta principal para sustentar sua família, pois é o único meio de ter sua própria renda econômica, mesmo enfrentando inúmeros desafios diários, sendo este: rotina exaustiva, desigualdade no mercado, dificuldades de aquisição de produtos, falta de experiência no ramo de trabalho, entre outros motivos. Essas mulheres buscam crescer economicamente, algumas delas por sobrevivência e outras por oportunidades de crescimento e perspectivas inovadoras de empreender no seu próprio negócio.

Em Delmiro Gouveia, a presença feminina vem se destacando no âmbito da feira livre, em maioria, são compostas por mulheres, sendo os homens sua minoria. Dessa forma, destacamos que existe a resistência aos aspectos enraizados do machismo, como a própria opressão do mercado de trabalho, que buscou e busca de certa forma, oprimir, a mulher em suas conquistas. Assim, diante a luta e toda a resistência, a mulher é o símbolo que está presente na feira livre da cidade, diante e sobre quaisquer aspectos. Para Antônio Mateus Soares, prof. Dr. da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, em texto *relações de gênero na feira livre de Delmiro Gouveia-AL*, destaca que,

*“Observamos que existe uma presença expressiva de mulheres que trabalham na Feira Livre de Delmiro Gouveia, demonstrando que a mulher sertaneja dribla às situações de dificuldade e se afirma pelo trabalho na Feira Livre, exerce funções diversas e parecem se orgulhar por participar, quando não, ser a principal responsável pelo sustento da família; as mulheres da Feira mesmo tendo sido vitimizadas por contextos de opressão e dominação masculina, manifesta auto estima e orgulho pelo desempenho de atividades produtivas e por competirem no mesmo espaço de trabalho com os homens.”*

Ainda destacando que,

*“Percebemos que muitas mulheres, a depender da exposição e ao desempenho de atividades laboriosas mais intensas e que exigem dela uma maior dispersão de força, ou até mesmo pela luta da afirmação de seu espaço no mundo do trabalho, se masculinizaram e tal afirmação se manifesta na leitura de seus gestos e de seu comportamento no espaço da Feira, sobretudo, as mulheres responsáveis pelo abate e tratamento de criações (ovinos, suínos e caprinos). O principal resultado deste trabalho pontual de pesquisa na Feira Livre, A forma que a mulher se afirma através do trabalho no espaço da Feira, mesmo algumas em situações de trabalho precárias, indicam que gradativamente o empoderamento de gênero vai diluindo a dominação masculina, que ainda exibem seus ranços através do machismo na região sertaneja.” (SOARES, [s.d.]).*

A mulher, enfrenta os desafios por diversas vezes, na busca do reconhecimento, por igualdade das oportunidades, valorização do trabalho feminino, a promoção da representatividade, entre outros. Dessa forma, a luta deve ser constante, por espaço e visibilidade, para a garantia por mérito do reconhecimento do trabalho por

elas desempenhados, para condições justas de trabalho e, para a liberdade constitucional e humana, para o exercício das atividades e das próprias decisões.

Amorim e Batista (2021), retratam ainda, que existe uma dicotomia, que precisa ser compreendida e reivindicada, no qual, o acesso à “oportunidade e necessidade” no meio empreendedor, corporativo e profissional. Onde, alguns, estão em uma direção de partida diferente, pois, uma parte sobressai entre a oportunidade de crescimento para estabelecer um negócio, e a outra maior parte, primordialmente às mulheres, estão na real necessidade do sustento, diante diversas adversidades, vista através de um sistema econômico desigual, que não garantem as mesmas oportunidades para todas (os).

Sendo assim, é preciso e necessário voltar o olhar a uma consciência de classe, frente as adversidades do capitalismo. Na medida em que, as ideias e questões de gênero estão intrinsecamente ligadas as questões econômicas e sociais. Sendo assim, é preciso compreender as razões quando são ditas, a “luta pela necessidade”, para não entender a uma romantização ao sofrimento e principalmente, não pode passar despercebidas. Dessa forma, essa é a face do capitalismo, que conduz a um sistema que também oprime as mulheres, seja na divisão do trabalho, desigualdade salarial ou na falta do acesso a oportunidades. Visto principalmente, considerando a estrutura perversa desse sistema na sociedade, no qual, os efeitos mais perversos, estão na realidade se comparados com a relação do gênero, sexualidade, racismo, marginalização e segregação.

*“O feminismo envolve muito mais do que apenas igualdade de gênero. E envolve muito mais do que gênero. O feminismo deve envolver uma consciência do capitalismo (quero dizer, o feminismo com qual me relaciono, existem vários). Tem que implicar uma consciência do que é capitalismo, o pós-colonialismo, capacitismo e que existem mais gêneros do que podemos imaginar, e mais sexualidades do que poderíamos nomear”. – (Angela Davis; 1970).<sup>11</sup>*

Para o alcance de maiores oportunidades e a garantia do direito<sup>12</sup> as mulheres em seus mais diversos e amplos aspectos, é reiterado a necessária força das pautas perante as metodologias feministas. Construindo assim, fatores e frentes estruturais,

---

<sup>11</sup> Angela Davis nos anos 70. Angela Davis é filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. (BOLETIM, BOI TEMPO [s.d.]).

<sup>12</sup> “Quando falo sobre feminismo, acho importante deixar claro que a questão não é tirar direitos de qualquer grupo, e sim dar direitos a um grupo que não tem.” (CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, 2021).  
Em entrevista, ao programa roda viva, no dia 14/06/2021.

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=pxe92zWOotE>

econômicas, psicológicas, ideológicas, normativas e jurídicas, diante a luta e resistência da mulher. Assim, fortalecer o feminismo e suas contextualizações, permitem a união das mulheres, na construção de ideias, propostas e garantias diante uma sociedade opressora. De acordo, com Angela Davis (2018, p.99)

As metodologias feministas nos impelem a explorar conexões que nem sempre são aparentes. E nos impelem a explorar as contradições e descobrir o que há de produtivo nelas. O feminismo insiste em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a uma reflexão que une coisas que parecem ser separadas e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas.

Dessa forma, escrevemos e pautamos sobre elas, em pleno século XXI, devido suas constantes lutas, resistência e pelas diversas conquistas, em participações notáveis e relevantes nos espaços públicos e privados, e por sua competência em ser múltiplas, importantes e necessárias em diversos aspectos e circunstâncias. Assim sendo, a mulher começa a deixar de ser invisível aos olhos da sociedade, como antes vista no passado recente, e passa a ser visível perante grandiosa e necessária, a qual permite estabelecer ensinamentos e legados, diante a sociedade contemporânea e para as gerações futuras.

### **4.3 As mulheres e seus diversos papéis**

Como visto anteriormente, o sexo feminino possui uma construção da submissão aos homens, visto desde fato histórico, no qual, não possuíam oportunidades, “vez e/ou voz”, sempre, estavam impulsionadas para os afazeres domésticos, dona do lar, casar e ser reprodutiva, cedida a um determinado marido, “o destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não sê-lo, (BEAUVOIR, 2016, p. 185).

Dentre o passar dos anos, seus papéis foram tomando novos rumos, levantando a voz e força a luta, conquistaram diversos âmbitos, setores e novos espaços. Assim sendo, não estão representadas unicamente como a “figura doméstica”, podemos constar atualmente, a existência pela persistência, da mulher no ramo dos negócios, parlamentos, na política, entre diversos outros. Salientando e fortalecendo esse contexto, é impossível não fazer menção a eleição e vitória da Presidenta Dilma

Rousseff, no ano de 2011, como a primeira na história do Brasil. Nas palavras ditas pela Presidenta:

Pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá no ombro de uma mulher. (...) sei que o meu mandato deve incluir a tradução mais generosa desta ousadia do voto popular que, após levar à Presidência um homem do povo, decide convocar uma mulher para decidir os destinos do país. (...) Para além da minha pessoa, a valorização da mulher melhora a nossa sociedade e valoriza nossa democracia. (BRASIL, 2016).

Percebe-se que a participação das mulheres se torna cada dia mais, presentes em cargos e diversas posições. Assim, é visto, uma evolução social e cultural, onde as mulheres que foram diversas vezes oprimidas, limitadas a opinar e atuar, atualmente, fazem parte do crescimento ativo da evolução humana. Dessa forma, é preciso mais do que nunca, reconhecer a participação das mulheres nos mais diversos aspectos.

Assim, a mulher desempenha uma variedade de papéis na sociedade, sempre com capacidade, equilíbrio, força, ética e profissionalismo. Buscando cada vez mais, quebrar barreiras, desafiar os estereótipos, e inspirar umas às outras, para alcançar a própria condição humana e, a garantia do direito que são por muitas vezes violados. Diante todo o exposto, a mulher contemporânea, supera todos os limites nas mais diversas formas e meios possíveis e impossíveis, portanto, ela pode ser mãe, profissional, liberta, autônoma, empoderada, isto é, ela poder ser o que ela quiser.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, com o tema direcionado a mulheres feirantes da cidade de Delmiro Gouveia-AL, foi realizado devido a admiração e orgulho sentidos pelos familiares que trabalham na feira. Vindo de uma família matriarcal, onde as mulheres são o pilar da família e as “chefes da casa”. Por vim de uma família de feirantes mulheres, o trabalho veio para apresentar as dificuldades, lutas e responsabilidades que elas sofrem e passam.

A pressão que a sociedade impõe as mulheres por não seguirem uma regra cultural imposta ao sexo feminino é dada como exclusão. Mesmo diante das demais lutas em prol do reconhecimento e igualdade dos sexos em diversos âmbitos, o que já foi pregado em uma cultura desde o início dos tempos, persiste ao passar dos séculos, apenas se adaptando as novas realidades.

Com tantos direitos já conquistados, as mulheres mostram que são competentes em várias áreas, sem precisar se desvincular do papel de mãe ou cuidadora do lar, questão está que é muito questionada.

A feira de Delmiro Gouveia tem em sua maioria, mulheres feirantes, mostrando que a mulher se desenvolve em diversos espaços, isso pode ser notado a partir da feira livre, que teve início através de um pequeno grupo de mulheres vindo de um povoado. As dificuldades que as mulheres encontraram no começo, serviram para seu fortalecimento.

Diante as observações, análises e da percepção por meio da pesquisa de campo, foi evidenciada a realidade que as mulheres feirantes vivenciam nesse ambiente de trabalho, no qual, estão diante a necessidade, para a garantia do sustento e sobrevivência. Por razões que estão intrínsecas ao sistema capitalista, que contextualizam na falta de diversidades e oportunidades do mercado de trabalho, na informalidade do serviço, e no esquecimento diante a garantia e promoção, para o acesso do direito, projetos e políticas públicas que criem e fortaleçam a segurança, formalidade e apoio as suas atividades exercidas. Dessa forma, a feira é uma razão da necessidade, não ofuscando os méritos ou o trabalho honesto desempenhado pelas mesmas, mas, é necessária mais que nunca, apoio e suporte aos fatores econômicos, jurídicos, político, psicológicos e sociais. Isto é, no apoio ao empreendedorismo, leis e projetos que as protejam no local de trabalho, apoio à saúde mental e bem-estar emocional,

promoção da inclusão social, combate ao preconceito, redes de apoio comunitário, entre diversos outros.

Com o diálogo entre as feirantes, é perceptível que mesmo sendo um ambiente de muita luta, as mesmas, não se arrependem de terem a feira como seu sustento. Porém, ressaltam que é por necessidade, pela falta de emprego e oportunidade, mais que fazem daquele ambiente uma segunda casa, devido a quantidade de dias e horas que passam.

O espaço da feira livre, é um ambiente de cores, risadas, amizades, troca de informações, experiências e conquistas, um ambiente bom de se trabalhar mesmo diante das dificuldades. As mulheres feirantes como assunto do TCC, é de total importância para a retratação da realidade vivenciada por elas na feira, vários assuntos sobre temas relacionados a mulheres feirantes foram encontrados, ajudando assim, a melhor compreender e desenvolver esse trabalho de conclusão de curso.

Em meio a diversidade que a feira apresenta, notou-se que há falhas em relação à segurança local, roubos são frequentes, brigas e desentendimentos. Quando há o assédio sofrido pelas feirantes, a venerabilidade daquelas que não sabem se defender ficam à mercê, diante disto, a necessidade de ampliação da segurança na feira é de extrema importância, no entanto, não demonstram interesse em mudar essa realidade.

A assistência a mulher é de suma importância, pois, as mulheres vivem negligências que são tratados por muitos com naturalidade, diante disso, a pesquisa realizada veio a mostrar a realidade que as mulheres vivem, independente do seu meio de trabalho. As feirantes em si, necessitam de melhorias no seu espaço de trabalho, da assistência, incentivos, além de projetos e políticas públicas, que passem a ter um olhar voltado a essa classe trabalhadora que em diversas vezes, passam despercebidas. Onde em inúmeros momentos, tem os direitos violados, na falta da oportunidade da educação e do ensino, treinamentos profissionais, recursos financeiros, suporte técnico, ou até mesmo apoio emocional, mental e da própria condição humana. Dessa forma, apoiar as mulheres que trabalham e estão na feira livre, é um dever e compromisso do Estado, social e comunitário, pela notoriedade e importância da classe para a sociedade.

Por fim, o trabalho discute a importância do conhecimento da luta das mulheres feirantes, a realidade que as mesmas passam pela necessidade de estarem trabalhando, e por terem a feira não como escolha em muitos casos, mais sim por última

opção. A realização do trabalho foi satisfatória, uma base de conhecimento e enriquecimento para o desenvolvimento da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. Núcleo de Pesquisa da FINAN, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.

AQUINO, S. F. Mulher, trabalho informal e vida cotidiana na feira modelo de Compensa. Dissertação de Mestrado. Disponível em: [http://ppgsocio.ufam.edu.br/attachments/032\\_Soraya%20Farias%20Aquino.pdf](http://ppgsocio.ufam.edu.br/attachments/032_Soraya%20Farias%20Aquino.pdf).

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2. 3 ed. –Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2016.

BOECHAT, Patrícia T. V; SANTOS, J. L. Feira Livre: Dinâmicas espaciais e relações identitárias. X Semana de Geografia da UESB. Vitória da Conquista/BA, 1-11, agosto de 2011.

BRASIL. Bertha Lutz. Brasília: Cidadania e Justiça. 2014. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/04/bertha-lutz> >. Acesso em: 10 fev. 2024.

BRASIL. Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Publicada no Diário Oficial da União, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

BRAUDEL, Fernand. Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Tradução, Renato Aguiar –Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 2003.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor. 2ª ed. rev. E atualizada - São Paulo: Saraiva, 2007.

CINTRA, Soraia Veloso. EVA, Wiliany Soares. A inserção da mulher no mercado de trabalho: Uma reflexão sobre raça e gênero. 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais. Disponível em: <http://cress-mg.org.br/hotsites/Upload/Pics/ca/ca0d78d1-2dad-49e2-8f5f-81e097144adc.pdf>.

CORDEIRO, Filomena Luciene Reis. Universo Feminino: Academia Feminina de Letras de Montes Claros. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2013.

CULTURA GENIAL, Disponível: <https://www.culturagenial.com/simone-de-beauvoir/>  
DANTAS, Geovany Pachelly G. Feira livre de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/206). 2007. 202f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFRN, 2007.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

- DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DE FRANCISCO, Maria Luíza Oliveira. Geografia de gênero e trabalho familiar: algumas considerações. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 2, n. 1, p. 27-36, 2011.
- DIANA, Daniela. Simone de Beauvoir. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/simone-de-beauvoir/>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- GOMES, A. F.; Santana, W. G. P. & Araújo, U. P. (2009). "Empreendedorismo Feminino: O Estado-da-arte". In: *Anais do Encontro da ANPAD*. 33. São Paulo
- HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. *Revista Trabalho Necessário*, v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018.
- IBGE, Delmiro Gouveia - AL. Disponível em: <[www.IBGE.com.br](http://www.IBGE.com.br)> Acesso em: 29 de fevereiro de 2024.
- JONATHAN, Eva G.; DA SILVA, Taissa MR. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, p. 77-84, 2007.
- JONATHAN, Eva G.; DA SILVA, Taissa MR. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, p. 77-84, 2007.
- LIMA, Andressa Bessa Machado et al. O espaço da mulher na sociedade: uma reflexão a partir de o Segundo Sexo de Simone de Beauvoir. **Revista Aembra**, v. 1, n. 3, 2019.
- MARTÍNEZ, Ana S., MOYA, Juana R. e MUNOZ, M. *Mujeres, Espacto y Sociedad - Hacia una Geografía del Género*. Madrid: Síntesis, 1995.
- OLIVEIRA, Dénison Alcântara. Território, globalização e circuitos da economia urbana: uma análise à luz de duas cidades do alto sertão alagoano - Delmiro Gouveia e Pariconha. 2020. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020.
- PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Walska. A mulher no mercado de trabalho. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. São Luís Maranhão, 2005.
- PORTO, Lidianne. 20 Mulheres importantes que marcaram a história. (2019). Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/mulheres-importantes-que-marcaram-a-historia/>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.
- QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosângela C. A evolução da mulher no mercado de trabalho. *E-FACEQ: revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós*, v. 2, n. 2, p. 1-32, 2013.
- SANTOS, E. L. dos. Globalização, Feira livre e ensino de geografia em Delmiro Gouveia – AL. 2017, 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso/TCC (Graduação em

Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas/UFAL, Campus do Sertão/Delmiro Gouveia, 2017.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: HUCITEC, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SEBRAE. Disciplina de empreendedorismo. São Paulo: Manual do aluno, 2007.

SILVA, Régis Lima da. Feira e fluxos: a dinâmica urbana e regional de Delmiro Gouveia (AL) no atual estágio da globalização. Orientador: Diego Salomão Cândido de Oliveira Salvador. 2022. 115f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Ceres) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SOARES, Vera. Mulher, autonomia e trabalho. Autonomia e empoderamento da mulher. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, p. 281-301, 2011.

SOUZA, Ezequiel. Bandeiras feministas na luta pela igualdade de gênero. 2010.

VASCONCELOS FILHO, Bruno Guerra de. A feira livre de Delmiro Gouveia, Alagoas, e seus feirantes. 2019. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agronomia) – Centro de Ciências Agrárias, Curso de Graduação em Agronomia, Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo, 2019.

**APÊNDICE:**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS SERTÃO**  
**LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**  
**QUESTIONÁRIO**

1. A quantos anos trabalha na feira da cidade?
2. Vem de uma geração de feirantes? ou é a única de sua família?  
SIM ( ) NÃO ( )
3. A feira é seu único sustento atualmente?  
SIM ( ) NÃO ( )
4. É mãe de família? e sim, consegue conciliar ser feirante, mãe e esposa presente, mesmo com a demanda diária da feira?  
SIM ( ) NÃO ( )
5. Já sentiu algum desconforto sendo uma mulher feirante?  
SIM ( ) NÃO ( )
6. A feira de Delmiro Gouveia é a única que trabalha?  
SIM ( ) NÃO ( )
7. Já sentiu ou sente alguma desvalorização da parte do gênero masculino, por ser uma mulher que trabalha na feira?  
SIM ( ) NÃO ( )
8. O que a feira representa para você?  
SIM ( ) NÃO ( )

Observações Adicionais

.....